

ALAVOURA



Revista da Sociedade Nacional de Agricultura
e da Confederação Rural Brasileira

Anno XXXIV
Junho de 1930
Número 6

Bananeiras Maca

ILHA DA MARE - BAHIA

Sociedade Nacional de Agricultura

FUNDADA EM 16 DE JANEIRO DE 1897
RECONHECIDA, POR LEI, DE UTILIDADE PUBLICA
CONSAGRADA AO RESURGIMENTO DA AGRICULTURA NACIONAL

BIBLIOTHECA ECONOMICA

15.000 VOLUMES DE OBRAS VALIOSAS, SOBRE AGRONOMIA, VETERINARIA,
ECONOMIA, FINANÇAS, INDUSTRIAS AGRICOLAS, ETC.

MUSEU AGRICOLA

MILHARES DE PRODUCTOS AGRICOLAS. COLLECÇÕES COMPLETAS DE MA-
DEIRAS DO PAIZ, FIBRAS, CEREAEES, OLEOS, RESINAS PLANTAS
— MEDICINAES, ETC. —

HORTO FRUCTICOLA DA PENHA

ESTAÇÃO EXPERIMENTAL, MANTIDA PELA SOCIEDADE. PRODUÇÃO
DE MUDAS E SEMENTES.

APRENDIZADO AGRICOLA WENCESLAU BELLO

CONSAGRADO A FORMAÇÃO DE CAPATAZES AGRICOLAS

SERVIÇO DE FORNECIMENTOS

MODELAR ORGANISAÇÃO PARA O FORNECIMENTO DE PLANTAS, SEMENTES,
INSECTICIDAS E MATERIAL AGRARIO, CIRURGICO E VETERINARIO.

SERVIÇO DE INFORMAÇÕES

SECÇÃO TECHNICA, DIRIGIDA PELO HABIL PROFISSIONAL ENG. AGRONOMO
THOMAZ COELHO FILHO, LENTE DE AGRICULTURA GERAL DA ESCOLA
SUPERIOR DE AGRICULTURA E MEDICINA VETERINARIA, PARA
A SOLUÇÃO DE CONSULTAS DIRIGIDAS A SOCIEDADE

"A LAVOURA"

REVISTA MENSAL DA SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA DISTRI-
BUIDA GRATUITAMENTE AOS SOCIOS QUITES

ADMISSÃO DE SOCIO

CONTRIBUIÇÃO ANNUAL

ASSOCIADOS — (Instituições, firmas commerciaes, etc.)	100\$000
SOCIOS CONTRIBUINTES	40\$000

PARA OS NOVOS SOCIOS, ISENÇÃO DE JOIA

Rua 1.º de Março, 15 -- Rio de Janeiro -- Brasil -- C. Postal, 1245
End. Teleg. Agricultura

a l a v o u r a

Revista Mensal da Sociedade Nacional de Agricultura
e da Confederação Rural Brasileira

Anno XXXIV

J U N H O
D E 1 9 3 0

Numero 6



O nosso problema florestal



O actual, honrado e patriótico governo da Republica, representado na pessoa eminente do exmo. sr. ministro da Agricultura, quando assumiu o poder, declarou-se no firme proposito de entrar, em immediato, no estudo dos problemas relevantes da economia nacional, pugnando pela sua solução rapida e certa.

D'entre elles, avulta, innegavelmente, por sua importancia e gravidade, o problema florestal, que tóca os nossos profundos receios do porvir, alarmados, como todos, nós brasileiros, devemos estar, com a manifestação dos primeiros effeitos do grande mal da destruição systematica de um dos maiores bens patrimoniaes, do nosso povo, como de toda a humanidade: a floresta.

De facto, as selvas, além de representar um enorme acervo de riquezas materiaes para o homem, desempenham uma função de alta monta na *economia geral* da natureza. Oram como moradores do clima, regularizam o curso das aguas pluviaes, concorrendo, assim, para a formação de mananciaes permanentes, e, ademais, protegem e accrescem, de varios modos, á fertilidade das terras araveis.

As florestas contribuem, ainda, pelo lado esthetico, para embellezar os pinturescos quadros

que nos offerecem valles e montes, influindo, em summa, na formação do character e da moral de um povo.

Por todas essas razões, ellas devem constituir objecto do maior carinho e do maior respeito de todos. Entre nós, infelizmente, não têm sido tratadas com essa atenção; ao contrario, continuam expostas a torpe sacrificio, em proveito do ruinoso *systema* de agricultura que consiste em tirar, da matta combusta, duas ou tres leves colheitas, abandonando, em seguida, o terreno, para queimar um novo manto de floresta virgem, obra de seculos, substituindo-a por sementeiras de milho, ou outro grão qualquer, cujo valor é infimo, ou, mesmo, nullo, comparado ao das arvores immoladas e da madeira reduzida a cinzas.

Os effeitos de tão barbaro procedimento já se fazem sentir: sitios, outr'ora rodeados de soberbas mattas, que lhes mantinham humidade e frescor no ambiente, jazem, hoje, carrasquentos, com um clima rude e desagradavel e com grande escassez de aguas potaveis. Das selvas, nem mais a recordação existe, ahi!...

E' imperioso, portanto, que, no Brasil, se impeça, a todo o transe, o progresso d'esse mal. E as medidas, para attingil-o, são de duas ordens

geraes: *replantio*, criterioso e *systematico*, e *conservação*, racional e organizada.

Tornar inviolavel a parte do patrimonio florestal que, como tal, se decidir, e repôr a que houver sido destruida, eis a chave directa para a solução do vital problema.

Mas, pensamos, neste caso, como, aliás, em tudo o que se refere ás riquezas economicas do paiz, que são a pesquisa, scientifica, a instrucção e a educação o meio mais acertado, embora indirecto, de collimar o objectivo final, porque, mesmo, o aconselham as condições da nossa sociologia rural. E, neste particular, diremos com o celebre Elias Landolt, o mais simples, e por signal o maior dos *floresteiros* suissos — esse povo admiravel, que, já em 1592, decretava as primeiras medidas de protecção ás selvas, e, mais tarde, em 1725, elaborava um codigo dos mais sabios principios florestaes até hoje conhecidos: "As nossas leis florestaes — palavras historicas de Landolt — se destinam a actuar mais pela instrucção, o bom exemplo e o estimulo, que por meio de regulamentos severos. Este processo é mais lento que o que envolvesse medidas drasticas, mas, em compensação, os seus resultados são mais uteis e duradouros. Tudo o que os

donos de florestas fazem por uma convicção pessoal, intima, de sua utilidade, sabe bem feito e com caracter de previsão, enquanto que o que lhes é compulsoriamente exigido, fazem sem o necessario cuidado e abandonam ao primeiro ensejo. O que, por aquelle systema, lhes ficou sabido e tido como bom, será realizado, e sempre melhor, de anno a anno.

Pois é com tão ampla e superior visão — e folgamos immenso em registral-o — que o ministro Lyra Castro vem atacando, ha tres annos, consecutivos, a nossa magna questão florestal. Com effeito, mandando, primeiro, organizar um plano scientifico de trabalho e, depois, fazendo proceder, por technicos especialistas, á pesquisa preliminar das condições ambientes, ao mesmo tempo que cura da instrucção de um corpo tecnico nacional, para futura direcção dos respectivos serviços, e educa o povo pela propaganda objectiva e literaria, sem descontinuar a disseminação das essencias florestaes pelo paiz, para fins de replantio, zelando, igualmente, pela integridade do que escapou á devastação, o illustre titular da Agricultura pratica a sábia doutrina de Landolt, com mais vigor e com promessas firmes de maiores e mais immediatos beneficios.

EXPORTADORES!

AGRICULTORES!

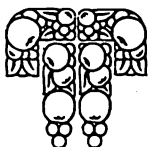
O Brasil é o paiz que produz a melhor borracha, o melhor café, o melhor cacau, algodão, gado, manga-nez, madeiras e outros muitos artigos; é preciso, porém, tornar conhecidas no estrangeiro essas incalculaveis riquezas e essas admiraveis possibilidades



DESSECAMENTO DE TERRENOS BREJOSOS

CORNELIO LIMA

do Ministério da Agricultura



Refere a "Terre d' Afrique, Illustré", edição de Maio de 1929, que os colonos residentes na posseção franceza da Algeria, visinhos dos terrenos alagadiços do lago Hlloula, situado na planicie de Mitidja que, desde longos annos vinham se empenhando, sem resultado, pelo dessecamento desses terrenos, conseguiram, afinal a votação de uma verba de 4.400.000 francos, auxilio esse que será fornecido, tres quartas partes pelo Governo da Metropole, ficando aos interessados a obrigação de contribuirem com vinte e cinco por cento.

Esses terrenos que foram outrora dessecados pelos Romanos, grandes protectores da agricultura, que mui acertadamente consideravam a mais nobre das profissões, representam uma superficie de 3.000 hectares que utilizados, como vão ser, por varios ramos de cultura intensiva, tornarão aquella região, grande productora de generos de consumo e exportação, enriquecendo-a portanto.

E' digno de louvor e da gratidão de seus governados, o governo que assim procedendo, amparando a agricultura e promovendo a produção de generos alimenticios, faz a felicidade dos habitantes e a sua propria.

Os paizes adeantados da velha Europa estão tratando de utilizar seus terrenos pantanosos, ainda desaproveitados, dessecando-os.

A França está adoptando os velhos processos da baixa Holan-

da; na Inglaterra, o Governo trabalhista promove a drenagem de terras na Escossia e a Italia de Mussolini está tornando cultivaveis terras secularmente desaproveitadas, existentes no sul desse adeantado paiz.

Quando poderemos dizer a mesma coisa com relação á decantada baixada fluminense, riquessa que ahi jaz abandonada, ás portas da Capital do paiz?

Quando fiz parte do legislativo fluminense, coube-me relatar uma pretensão no sentido em apreço.

Cataloguei então, por ordem chronologica, os muitos contractos já realizados. (Annaes de Outubro de 1909). São passados vinte annos, o numero delles foi augmentado, mas a baixada continuou encharcada.

O actual contracto se cinge a valorisar terrenos proximos do centro populoso, proprios a receberem edificações.

Para promover o que allego basta referir o que noticiou o Correio da Manhã, em suas edições de 22 e 26 do pp. mez de Fevereiro: da primeira consta a denuncia, cheia de factos graves, apresentada ao Procurador Geral da Republica por um ex-director da Empresa; e a segun-

da refere a visita do Snr. Inspector Federal de Portos, Rios e Canaes, ás obras que estão sendo executadas pela Empresa, em Manguinhos, que constam do aterro, as pontes de cimento armado e as novas avenidas que estão sendo rasgadas e calçadas, em comunicação com a estrada de rodagem Rio-Petropolis.

Isso trará a fortuna dos contractantes mas não beneficia a lavoura que só se tornará opulenta quando essa immensidade que por ahi se estende, for devidamente saneada e cultivada.

E não é só isso. Esses contractos presente e passados, têm sido outros tantos *toma larguras*, impedindo os poderes publicos de enveredarem por outros caminhos mais proveitosos.

Grande parte desses terrenos, outrora drenados e cultivados, foram impiedosamente obstruidos quando empreiteiros imprevidentes construíram o leito das estradas de ferro, que cortam essa região, sem attender ao escoamento das aguas pluvias, que se avolumam nas grandes enchentes, ao ponto de refluirem sobre si mesmas, por falta de ecoadouro.

Esse grande erro de technica profissional, tem sido remediado, em parte, pela administração das vias ferreas que, em beneficio proprio, tem construido boeiros de distancia a distancia. Mas essa previdencia de ordem privada, não veio a tempo de salvar os drenos e canaes, que permittiam a cultura das terras e a atracção dos barcos, que

encostavam nos engenhos, para receber e transportar as caixas de assucar e demais productos, aos mercados de consumo.

E si algum dia houver um governo que queira de facto enfrentar o grandioso problema que representa o aproveitamento da baixada, não deverá encetar-o sem examinar o engenhoso processo inventado pelo nosso tão modesto quão intelligente patricio Snr. Alberto de Azevedo Castro, com o emprego do qual se chega ao fim alvejado, sem depender de grandes e dispendiosos machinismos.

Em abono do que venho referir dou, a seguir, a traducção resumida de um trecho do conhecido "Le livre de la ferme" de P. Joigneaux.

"Basea-se no mesmo principio a execução da drenagem por perfuração, a que se deu o nome de "drenage hollandesa"; ella está ao alcance de todas as intelligencias. Tome-se um trado de 1 metro ou 1 1/2 mais ou menos faceado, com o qual se abre um furo na terra, de maneira a perfurar com pequenos intervallos, a camada de terra que retem a agua. No buraco assim aberto se colloca um pedaço comprido de páo, para impedir que elle se feche e naturalmente se o deve enterrar muito abaixo, para que não seja alcançado pela arado, a pá e a enxada.

Por essa forma se saneam melhor as terras humidas, do que com as fossas e as vallas, com a vantagem, ainda, de se não precisar consultar os technicos e não impedir as lavras.

Esse systema é applicavel aos terrenos quasi nivelados com as aguas, improprios para a collocação de canos, (como succede na nossa baixada).

Nas regiões onde se pratica a

drenagem por perfuração, usam abrir 6 mil por hectare, isto é, 60 por 10 metros de superficie.

Essa approximação de drenos verticaes dá resultado mais prompto do que os canaes de 10, 15 e 20 metros de distancia".

Passemos agora ás justifications do invento.

O sólo, em geral é constituido de torrões, maiores ou menores, affectando, mais ou menos, a mesma forma que, em camadas sobrepostas attingem variadas profundidades.

Os torrões são separados, uns dos outros, por canaletes, por onde se infiltram o ar, as aguas pluvias e de rega.

Encharcados os da superficie, augmentado, de muito, o peso, agem por compressão, fechando os canaletes. As aguas não sendo absorvidas, augmentam as enxurradas.

A drenagem, a lavra profunda ou uma e outra, principalmente aquella, corrigem esse estado, tornando o sólo solto, permeavel ao ar e á agua, cujos effeitos beneficos até attingem mais de um metro de profundidade.

O consideravel accumulo de agua armazenada, será proveito incalculavel, pondo de parte a contribuição para a saude, precocidade, producção das plantas, etc.

Entre os varios systemas, o da drenagem vertical é o mais facil e o mais barato.

Opera-se, por enquanto, com um jogo de trados "standard"; sendo que deve ter a aste com dois metros de comprimento. Aberto com o mais cûrto, o furo supponhamos de 90 centimetros, em seguimento, completa-se com o outro, o metro e 60 centimetros.

Em se tratando de experiencia, não se deve attentar na natureza do sub-sólo, sendo, tam-

bem, indifferente o encontrar ou não a camada permeavel ou a agua.

Aberto o furo de um metro e 60 centimetros de profundidade e em falta de manilhas, empregar a fachina: feixe de varas ou de bambu' commum, com um metro de comprimento e o diametro que lhe permitta penetrar, com folga, no furo.

Os drenos deverão guardar a equidistancia de cinco metros.

No ventilador não ha necessidade de abrir janelas, que encarecem o trabalho: basta furar o bambú de fóra a fóra. Em volta dos chanfros do ventilador, tambem se póde empregar sómente a palha. Como, além do enxugo, a drenagem tambem tem por effeito o arejamento, que activa a desagregação do sólo e a nitrificação das materias organicas nelle contidas, tanto se emprega nas varzeas como nos morros, nas plantações de canna, café, cacau, laranjeiras, etc., como nos trigaes, arrosaes, alfafaes, jardins, casas, etc.

Applicado o systema ás estrumeiras (em determinadas condições), as converte em verdadeiras e substanciosas nitreiras.

Geralmente os effeitos da drenagem se comprovam do terceiro anno em diante; mas com os ventiladores, desde o primeiro anno.

Um mez após a drenagem, si permanecer agua estagnada no sólo, um ou outro furo, com o "Standard", cuja haste tenha alguns metros, formada de tугos, com connexões, resolveo caso. Convem, então, empregar feixes de varas ou de bambu's, até inteiros.

Esse processo tão simples, mas verdadeiramente maravilhoso, pelo resultado que produz, con-

As frutas apanhadas no terreno — bichadas ou não — convêm sejam enterradas a nunca menos de 30 cents. de profundidade, soccando a terra.

Conforme já ficou dito, antes de se iniciar o tratamento de qualquer plantação, é preciso fazer-se uma limpeza geral das plantas da chacara ou pomar, pôdando-se os galhos e ramos seccos ou defeituosos, atacados por larvas de insectos, etc. Essa póda é indispensavel, porque, além de outras vantagens que proporcionará ás plantas, facilitará também o tratamento da plantação. Todas as folhas,

galhos e frutos, etc., resultantes da póda — nunca deverão ser conservados na lavoura mas, immediatamente reunidos e queimados.

Emfim, os Srs. agricultores, necessitam ficar vigilantes na defesa sanitaria das suas plantações pelo que estarão, assim, zelando pelo patrimonio de sua familia, augmentando-o.

Além das rapidas medidas indicadas, deverão observar todos os conselhos e explicações que lhes forem dadas pelos agronomos do Serviço de Vigilancia Sanitaria Vegetal, encarregados da fiscalização periodica dos estabelecimentos que

commerciam em plantas e partes vivas de plantas.

Para que não haja difficuldade, nem confusão por parte dos Srs. proprietarios de chacaras e pomares, cujas culturas, muitas vezes incipientes e rotineiras, não comportam grandes despesas, basta que exacta e systematicamente adoptem os cuidados sanitarios acima indicados e executem os tratamentos insecticida ou fungicida, que lhes fôrem aconselhados. Em caso de duvidas ou insuccesso na applicação das formulás indicadas, — devem se dirigir ao Instituto Biologico de Defesa Agricola.

Resumo dos trabalhos effectuados pelo Serviço de Vigilancia Sanitaria Vegetal nos diferentes portos, durante o anno de 1929

IMPORTAÇÃO

Porto de Mandões:

Partidas inspeccionadas	74	
N.º de volumes despachados livremente	10.617	

Porto de Belém:

Partidas inspeccionadas	403	
N.º de volumes despachados livremente	39.953	
N. de volumes despachados sob quarentena	405	
N.º de volumes regeitados	267	40.625

Parasitos interceptados.

Saissetis oleae em uvas
Cydia pomonella em pêras
Phthorimaea operculella em batatas.

Porto de Recife:

Partidas inspeccionadas	205	
N.º de volumes despachados livremente	23.711	

Parasitos interceptados.

Bruchus pisorum em favas
Acaros em couve

Sitodrepa panicea em sementes de tomate e chicoreia

Bruchus obtectus em favas.

Porto de São Salvador:

Partidas inspeccionadas	280	
N.º de volumes despachados livremente	40.002	
N.º de volumes regeitados	377	40.379

Parasitos interceptados.

Fusarium solani em batatas
Rhizoctonia solani em batatas
Thrips em orchidéas
Oospora scabies em batatas
Phytophthora infestans em batatas
Cydia pomonella em pêras
Pseudococcus sp. em pecegos e maçãs
Sclerotinia sp. em pecegos
Bruchus sp. em sementes hortícolas
B. amylobacter em batatas.

Porto do Rio de Janeiro:

Partidas inspeccionadas	2.665	
N.º de volumes despachados livremente	935.023	
N. de volumes despachados sob quarentena	8	
N.º de volumes regeitados	2.263	937.294

Parasitos interceptados.

Balaninus sp. em castanhas
Laspeyresia splendana em castanhas
Eriosoma lanigera em macieiras
Aspidiotus perniciosus em ameixas e pêras
Pseudococcus adonidum em macieiras e pereiras
Oospora scabies em batatas
Fusarium oxysporium em batatas
Chrysomphalus aurantia em plantas ornamentaes
Fusarium solani em batatas
Aulacaspis pentagona em nogueiras
Bruchus pisorum em ervilhas e favas
Calandra oryzae em sementes de milho
Fusicladium pirinium em pêras
Cydia pomonella em pêras
Phthorimaea operculella em batatas
Diaspis boisdwallii em abacaxis
Coccus hesperidum em abacaxis
Coccus mangiferae em mangueiras
Pseudococcus bromeliae em abacaxis
Guignardia boisdwallii em uvas
Melosoma populi em oliveiras
Black heart em batatas
Aspidiotus estraefomis em ameixeiras.

Porto de Santos:

Partidas inspeccionadas	1.971
N.º de volumes despachados livremente	520.183
N.º de volumes expurgados	41
N.º de volumes rejeitados	638
	520.862

Parasitos interceptados.

Bruchus rufipes em lentilhas
Aspidiotus perniciosus em ameixas, pêras e maçãs
Bruchus sp. em feijão
Bruchus pisorum em ervilhas
Parlatoria blachardii em tamareiras
Phoenicoccus marlatti em tamareiras
Cydia pomonella em maçãs e pêras
Aspidiotus rapax em pêras
Sitophilus oryzae em sementes cerealíferas
Bruchus quadrimaculatus em sementes hortícolas
Cuscuta em alfafa
Oospora scabies em batatas.

Porto de São Francisco:

Partidas inspeccionadas	116
N.º de volumes despachados livremente	225

Parasitos interceptados.

Stephanodares sp. em sementes
Bruchus rufimanus em favas
Bruchus sp. em feijão
Nicrolepidoptero em sementes hortícolas
Microcoleoptero em sementes hortícolas
Bruchus pisorum em ervilhas.

Porto do Rio Grande:

Partidas inspeccionadas	91
N.º de volumes despachados livremente	2.064
N.º de volumes despachados sob quarentena	502
N.º de volumes expurgados	1
N.º de volumes rejeitados	17
	2.584

Parasitos interceptados.

Larvas de coleoptero em sementes de chrysanthemus
Larvas de lepidopteros em ervilhas
Bruchus pisorum em ervilhas e favas
Lichens em chá da índia e azaléas
Acaros em sem. hortícolas e bulbos de gladiolus
Microlepidoptero em sementes de milho
Bruchideos em ervilhas e feijão
Ustilago sp. em trigo
Aspidiotus hederae em oliveiras
Oospora scabies em batatas
Peritymbia vastratrix em videira
Heterodera radicola em tuberculos de dahilia
Dipteros em bulbos de jacintho
Physoctonia solani em batatas
Fusarium solani em batatas
Larvas de dipteros em batatas
Acaros em batatas.

Porto de Porto Alegre:

Partidas inspeccionadas	157
N.º de partidas despachadas livremente	1.673
Parasitos interceptados.	
<i>Bruchus rufimanus</i> em favas.	

Porto de Corumbá:

Partidas inspeccionadas	57
N.º de volumes despachados livremente	2.804

TRANSITO E EXPORTAÇÃO

Porto de Belém:

Permissões para transito de plantas	4
--	---

Porto de Recife:

Permissões para transito de plantas	205
Certificados de sanidade para exportação	55

Porto de São Salvador:

Permissões para transito de plantas	356
Certificados de sanidade para a exportação	13

Porto do Rio de Janeiro:

Permissões para transito de plantas	205
Certificados de sanidade para a exportação	283

Porto de Santos:

Permissões para transito de plantas ..
Certificados de sanidade para a expor-
tação ..

58

639

Porto de São Salvador:

Casas commerciaes inspeccio-
nadas ..
Chacarar ..

5

90

95

Porto de São Francisco:

Certificados de sanidade para a expor-
tação ..

39

Portos do Rio de Janeiro:

Casas commerciaes inspeccio-
nadas ..
Chacarar ..

13

353

366

Porto do Rio Grande:

Permissões para transito de plantas ..
Certificados de sanidade para a expor-
tação ..

71

4

Porto de Santos:

Chacarar ..

67

Porto de Porto Alegre:

Permissões para transito de plantas ..
Certificados de sanidade para a expor-
tação ..

18

15

Porto de São Francisco:

Chacarar ..

10

Porto do Rio Grande:

Casas commerciaes inspeccio-
nadas ..
Chacarar ..

5

69

74

ESTABELECIMENTOS ABRICOLAS
INSPECIONADOS

Porto de Recife:

Casas commerciaes inspeccio-
nadas ..
Chacarar ..

36

18

54

Porto de Porto Alegre:

Casas commerciaes inspeccio-
nadas ..
Chacarar ..

7

53

60

HOPKINS CAUSER & HOPKINS

RUA MUNICIPAL, 22

RUA HERMILO ALVES

Caixa do
Correio
1054

Rio de
Janeiro

S. João
d'El-Rey

Estado
de
Minas

UM GRANDE REMEDIO

IMPEDE AS ENFERMIDADES

CARRAPATICIDA

MATA
TODOS OS
CARRAPATOS

DE COOPER

NÃO ESCALDA



VITICULTURA

PÓDA CURTA DE DOIS "OLHOS"

A póda curta, de dois "olhos", é uma póda de fructificação, na vinha, e, para bem practical-a, faz-se mistér conhecer os ramos fructíferos.

Estes apresentam os caracteres seguintes: internodios, ou meritallos, curtos, de sorte que, as gemas, ou "olhos", de cada nó, ficam muito proximos das do nó seguinte; maior vigor do que os demais ramos e não mostram signaes de fructificação anterior, isto é, a existência de ramitos seccos que serviram de suporte ás bagas de uva (Ver a figura 1).

A póda de dois "olhos" consiste na suppressão de todo o "sarmento" acima de dois "olhos", ou gemas, contados com exclusão dos pequeninos gomos auxiliares da base, conforme se vê em b, figura 2, notando-se que os "sarmentos" a podar são os lateraes, ou ramos terciarios, ou melhor, os que nascem perpendicularmente á cêpa, ou ramo secundario.

Não se respeitam as gemas basilares, do "sarmento", porque, via de regra, são estereis (letra i da figura 2).

Os "pampanos" c, d, e, fig. 2, mostram como os "sarmentos" devem ficar depois de podados. No anno seguinte, tomarão a disposição indicada

tantos cachos de uvas, quantos tiverem sido os "pampanos" podados.

A letra a, fig. 2, mostra a parte eliminada do ramo guia, ou de prolongamento, que, sendo fraco, não precisa mais do que seis a oito "olhos" para essa função. Destes "olhos" brotão uns "pampanos" mui rachiticos, que não fructificam — verdadeiros "ladrões", — pelo que deverão ser eliminados.

A poda curta, de fructificação, serve de base de orientação para qualquer outro systema de poda da videira, bastando, no caso, considerar, em preliminar, a conformação da plan-



pela letra f. Poda-se-o, então, da mesma fôrma acima descripta, isto é, cortando bem rente o "pampano" J e, acima de dois "olhos", o ramo K, estando o resultado da operação indicado pela letra g.

Assim, far-se-ha todos os annos, obtendo-se, mathematicamente, em condições normaes,

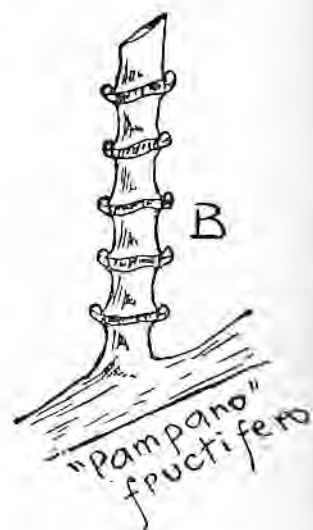
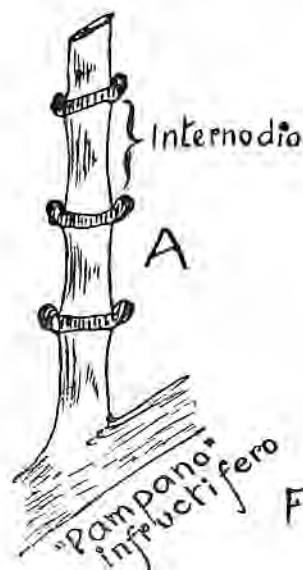


Fig. 1

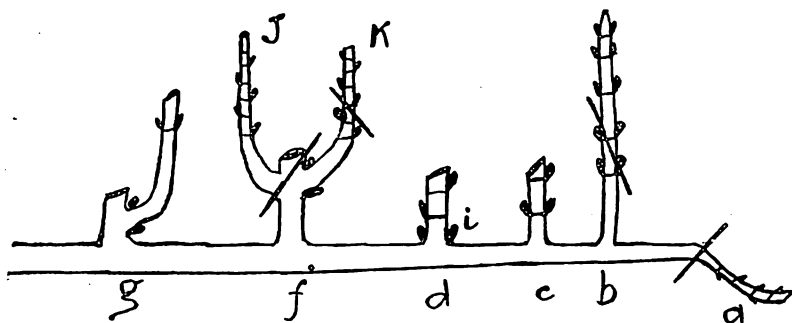


Fig. 2
(Schema)

ta, os "sarmentos" de fructificação e a vara de prolongamento, ou guia.

Tomemos um exemplo theorico, muito possivel de confirmar-se na pratica. Admittamos que a figura 3 represente uma "vide" mal podada e mal cuidada e que, por isso, não fructificou. Comecemos a poda, cortando a parte I. Apparece, em J, um grande "sarmento", completamente despi-do de gemas, o que se deu em consequencia de uma poda erroneamente praticada no anno precedente, tanto assim que a brotação só surgiu na extremidade, isto é, em X.

Como no "sarmento" K não ha pampanos de fructificação, corta-se-o acima, ou além da sexta gema, segundo o traço I, depois do que, só poderá servir de vara de prolongamento, e, destarte, estará prompta a parte I da videira.

A outra parte, ou a parte II, já é muito differente, por pos-

suir numerosos "pampanos", muito proximos ao madeiramento, e estar desenvolvida.

Como A é um "pampano" novo, ainda não fructificado, poda-se-o para fructificar, pelo systema descripto, ou em m. Da mesma fórma se procede em relação a B e C, cortando-os em n e o, respectivamente.

No ramo D, notam-se, porém, vestigios de fructificação: os ramitos seccos de y e z, que sustentaram as bagas. Este

"pampano" deve ser totalmente eliminado, porque não fructificará mais, apenas se conservando os "olhos" basilares, que, apesar de abortivos, poderão, talvez, ser nutridos de fórma a desenvolver-se a contento.

O ramo W tambem se sacrifica, inclusive suas gemas basilares, porque, apresentando meritallós mui compridos, não produzirá fructos.

Cortam-se F e G pela base, em r: o primeiro (F), por ser sua direcção inconveniente e por alimentar-se de grande parte da seiva de E, funcção como "ladrão". O ramo E é o que melhor se presta para vara de prolongamento, e corta-se-o, então, acima de seis "olhos", pelo traço p.

Finalmente, os ramos U, H, e I, podem-se na porção v, s e t, respectivamente, e tem-se uma videira bem podada, preparada para uma nova operação mais precisa e mais proveitosa, no anno seguinte.

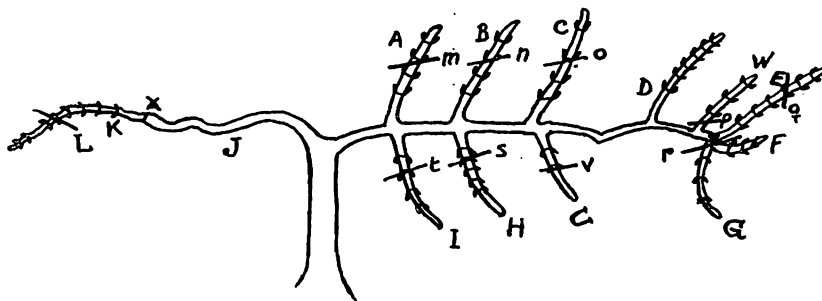


Fig. 3
(Schema)

O Nucleo Colonial Cleveland

O Nucleo Colonial Cleveland, situado á margem direita do Oyapock e que tem a sua séde a 60 km da foz do rio, no Oceano, está doptado de terras aptas a todas as culturas.

Terra firme é ondulada, com afloramentos de diorite e diabases, devido a decomposição das rochas, é eminentemente fértil.

A MANDIOCA é cultivada em larga escala, mas pelo velho systema — que consiste na abertura de covas, onde se depositam de 2 a 3 galhos — de 6 a 8 olhos, que se desenvolvem num periodo de 15 mezes, applicadas regularmente nesse intervallo tres limpas á enchada, são as raizes que se arrancam aproveitadas para o fabrico de farinhas. Destas, destacam-se pelas suas propriedades alimenticias a farinha da-gua, e a farinha secca.

Para obter-se a **farinha da-gua**, depositam-se previamen-te os tuberculos em poças da-gua, depois do que, limpas as cascas, são prensadas — e a massa torrada em fornos de ferro, cobre ou mesmo de barro.

Para a **farinha secca** o processo consiste primeiramente na limpeza dos tuberculos, dos quaes são retiradas as cascas pela raspagem á faca. Feito isto são levadas ao ralo, e re-

Antonio Mazzini

Auxiliar Agronomo



duzidas a massa, que depois de prensada, para se extrahir toda a agua que contém, é finalmente levada ao forno para ser torrada.

São esses os processos, ainda seguidos, na falta de machinas para o fabrico das farinhas de mandiocas, base da alimentação do povo em substituição ao pão.

A CANNA que prospera em regiões quentes e humidas qual a do Oyapock é cultivada como o foi nos primeiros tempos da colonisação. Abertos os regos em terra adredemente preparada, nelles são deitados pedaços de canna de 3 a 4 nós, que dentro de um anno se desenvolvem em bastas touceiras, cujas hastes são cortadas e levadas ás moendas de engenhos de madeira ou ferro, sendo o caldo recolhido em caldeiras de cobre ou ferro e expostas ao calor do fogo donde é retirado, depois de certa consistencia e depositado em fôrmas de madeira, obtendo-se assim a **rapadura** ou o assucar, por processos mais ou menos equivalentes para uso domestico.

O MILHO cujo ciclo vegetativo é de 90 dias costuma-se plantar em Dezembro para conseguir-se a colheita em Março. O trato cultural requer uma estação de chuvas moderadas e breves periodos de sol deve ser plantado de Maio a Junho para ser colhido em Agosto ou Setembro.

O ARROZ cujo ciclo vegetativo é de 5 mezes deve ser plantado de Fevereiro a Março para conseguir-se a colheita em Julho ou Agosto.

O ALGODÃO póde ser cultivado, em toda a região, preferindo-se a variedade — herba-cea — devido a sua precocidade. Requerendo clima quente e humido deve ser plantado de Janeiro a Março para ser colhido de Julho a Setembro, época em que se verificam as menores quedas de chuvas.

Relativamente ao preparo do terreno é ainda o mais rudimentar:

Depois da broca em matta no mez de Agosto, segue-se a derubada para se effectuar a queima em Outubro e depois do encoivaramento procede-se á plantação.

A adubação é o resultado das cinzas das coivaras.

Quanto aos adubos meteorologicos, junto, a este, mappas referentes ás observações feitas nos cinco ultimos annos.

MINISTERIO DA AGRICULTURA

SERVIÇO DE POVOAMENTO

Comissão Fundadora do Nucleo Colonial "CLEVELAND". — Observações meteorologicas de Clevelandia (Estado do Pará) durante o anno de 1924.

M E Z E S	PRESSÃO	T E M P E R A T U R A			C H U V A	
	BAROM.	MEDIA	MAXIMA	MINIMA	ALTURA	DIAS
Janeiro	—	—	—	—	—	—
Fevereiro	755.7	24.1	33.2	16.6	209.0	15
Março	55.0	25.3	32.0	18.2	204.0	19
Abril	55.1	25.7	31.8	18.2	285.9	19
Maió	55.5	25.1	32.0	18.2	485.8	20
Junho	55.6	24.8	32.4	19.0	372.7	28
Julho	55.4	24.8	33.4	19.2	278.0	23
Agosto	55.6	25.2	33.6	18.8	298.0	19
Setembro	55.0	25.7	34.2	18.3	117.7	11
Outubro	54.3	25.4	34.2	18.4	88.8	16
Novembro	53.9	25.1	34.2	18.0	145.2	12
Dezembro	53.9	24.4	33.0	19.5	546.9	26

Clevelandia, 30 de Novembro de 1928

(A) ANTONIO MAZZINI

Aux. Agronomo.

MINISTERIO DA AGRICULTURA

SERVIÇO DE POVOAMENTO

Comissão Fundadora do Nucleo Colonial "CLEVELAND". — Observações meteorologicas de Clevelandia (Estado do Pará) durante o anno de 1925.

M E Z E S	PRESSÃO	T E M P E R A T U R A			C H U V A	
	BAROM.	MEDIA	MAXIMA	MINIMA	ALTURA	DIAS
Janeiro	725.2	23.7	30.4	17.7	419.9	28
Fevereiro	54.6	23.9	30.5	18.6	403.7	25
Março	54.1	24.4	31.2	18.4	334.0	25
Abril	54.3	24.7	31.3	18.7	424.4	26
Maió	55.1	24.7	31.4	17.8	405.9	23
Junho	55.5	24.5	31.9	19.1	316.9	26
Julho	55.6	24.8	33.0	19.1	179.9	23
Agosto	55.4	25.3	33.3	18.2	131.9	16
Setembro	54.5	26.1	34.5	17.6	5.0	1
Outubro	54.7	26.5	36.1	17.9	2.1	2
Novembro	54.7	27.2	35.9	17.9	20.7	10
Dezembro	54.6	26.0	35.9	18.1	270.3	23

Clevelandia, 30 de Novembro de 1928

(A) ANTONIO MAZZINI

Aux. Agronomo.

MINISTERIO DA AGRICULTURA
SERVIÇO DE POVOAMENTO

Comissão Fundadora do Nucleo Colonial "CLEVELAND". — Observações meteorologicas de Clevelandia (Estado do Pará) durante o anno de 1926.

M E Z E S	PRESSÃO	T E M P E R A T U R A			C H U V A	
	BAROM.	MEDIA	MAXIMA	MINIMA	ALTURA	DIAS
Janeiro	755.2	25.4	33.2	16.7	219.2	11
Fevereiro	54.9	25.7	32.6	17.8	60.0	18
Março	55.3	26.0	33.5	16.9	48.6	17
Abril	55.7	25.7	33.2	18.0	320.5	18
Maio	54.8	25.1	33.6	19.6	588.2	31
Junho	55.3	24.8	32.5	19.5	461.6	29
Julho	55.4	25.2	33.6	18.5	269.4	21
Agosto	55.5	26.0	35.8	19.2	153.4	16
Setembro	54.5	26.4	36.2	18.4	67.9	7
Outubro	53.5	26.4	35.5	18.6	28.7	4
Novembro	53.3	26.7	36.1	17.0	29.3	7
Dezembro	53.4	25.7	33.6	18.8	213.4	23

Clevelandia, 30 de Novembro de 1928

(A) ANTONIO MAZZINI
Aux. Agronomo.

MINISTERIO DA AGRICULTURA
SERVIÇO DE PCVOAMENTO

Comissão Fundadora do Nucleo Colonial "CLEVELAND". — Observações meteorologicas de Clevelandia (Estado do Pará) durante o anno de 1928.

M E Z E S	PRESSÃO	T E M P E R A T U R A			C H U V A	
	BAROM.	MEDIA	MAXIMA	MINIMA	ALTURA	DIAS
Janeiro	758.8	25.5	34.2	18.0	476.6	26
Fevereiro	63.5	24.9	31.0	17.9	591.5	28
Março	63.4	24.6	31.5	17.4	427.8	26
Abril	60.7	24.8	32.0	18.6	606.9	29
Maio	61.0	25.3	32.5	18.7	531.2	31
Junho	60.6	24.8	32.6	16.4	229.9	24
Julho	60.7	25.1	33.2	16.0	212.7	22
Agosto	59.8	26.1	35.4	19.4	129.5	7
Setembro	57.7	26.7	35.3	19.5	52.2	7
Outubro	56.1	26.7	36.7	19.4	41.0	8
Novembro	56.2	27.1	36.0	18.6	116.1	11
Dezembro	—	—	—	—	—	—

Clevelandia, 30 de Novembro de 1928

(A) ANTONIO MAZZINI
Aux. Agronomo.

MINISTERIO DA AGRICULTURA

SERVIÇO DE POVOAMENTO

Comissão Fundadora do Nucleo Colonial "CLEVELAND". — Observações meteorologicas de Clevelandia (Estado do Pará) durante o anno de 1927.

M E Z E S	PRESSÃO	T E M P E R A T U R A			C H U V A	
	BAROM.	MEDIA	MAXIMA	MINIMA	ALTURA	DIAS
Janeiro	754.2	25.3	32.6	18.4	482.5	26
Fevereiro	55.1	25.3	31.8	18.2	399.9	26
Março	55.3	25.5	32.2	18.4	462.9	24
Abril	55.1	25.8	32.4	18.2	345.0	21
Maió	55.3	25.1	32.0	19.0	504.0	31
Junho	55.2	25.4	33.7	18.4	251.2	22
Julho	56.2	25.2	33.0	18.2	165.9	24
Agosto	54.9	26.3	35.7	17.4	38.0	9
Setembro	54.1	26.3	35.2	17.3	49.7	8
Outubro	53.7	26.5	35.9	18.3	59.8	9
Novembro	53.1	26.4	35.3	18.4	134.9	12
Dezembro	52.3	25.5	33.6	19.0	448.1	23

Clevelandia, 30 de Novembro de 1928

(A) ANTONIO MAZZINI
Aux. Agronomo.

OS PRODUCTOS BRASILEIROS NA ALLEMANHA

Dos productos brasileiros importados pela Allemanha, segundo informação do Consul em Bonn, Sr. O. Matheis, é o café que registra maiores quantidades nas estatísticas de importação allemãs. Em 1929 a quantidade total importada foi de 147.771 toneladas, cabendo ao Brasil 54.435, ou 36,9 % do total importado.

O café brasileiro vem sofrendo um decrescimento percentual nas importações totaes da Allemanha. Assim é que, em 1923, a nossa contribuição, que era de 42,9 %, passou a ser de 42,7 % em 1924; 51,5 % em 1925; 56,1 % em 1926; 43,0 % em 1927 e 42,7 % em 1928. A percentagem de Salvador subiu de 7,9 %, em 1927, para 11,4 % em 1929, e, com excepção da Guatemala, que viu sua contribuição percentual baixar de 22,5 %, em 1927, para 20,0 %, em 1929, quasi todos os outros centros fornecedores de café aos mercados

allemães tiveram suas contribuições percentuaes augmentadas.

Depois do café, os productos brasileiros importados em maiores quantidade pela Allemanha são os seguintes: farelo, com 37.737 toneladas, ou 8,1 % da importação total allemã; couros, com 10.297 toneladas, ou 11,6 %; fumo, com 9.536 toneladas, ou 9,2 %; cacáo, com 5.902 toneladas, ou 8,6 % do total; carne e toucinho, com 4.201 toneladas, ou 7,6 %; manganez, com 3.675 toneladas, ou 0,9 %; borracha, com 3.491 toneladas, ou 6,5 %; milho, com 2.555 toneladas, ou 0,3 %; lã, com 1.675 toneladas, ou 1,1 %; e laranjas e bananas, com 1.605 toneladas, ou 0,5 %.

De 1923 a 1929, os productos brasileiros que registraram maior augmento foram as laranjas e bananas que, de 9.900 kilos, em 1923, passaram a figurar nas estatísticas allemãs com quantidades sempre cres-

centes, até attingir a 948 toneladas, com uma contribuição percentual de 0,2 % em 1928 e a 1.605 toneladas em 1929, ou 0,5 %. O Brasil forneceu quasi a quantidade total de cera de carnaúba importada pela Allemanha, com 752 toneladas, ou 93,0 % da importação total. Bem assim a batata, com 513 toneladas, ou 76,6 % do total.

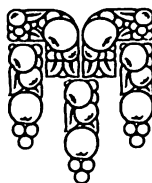
Por outro lado, os nossos fructos para extracção de oleos, constatarem sensível decrescimento: em 1923 havíamos exportado para a Allemanha 20.631 toneladas, cabendo ao Brasil uma contribuição percentual de 8,6 %. Essa nossa contribuição foi baixando progressivamente até 1927, quando as estatísticas allemãs não registraram importação alguma procedente do Brasil. Em 1928 exportámos 485 toneladas, cabendo-nos 0,1 % da importação total; em 1929 as estatísticas allemãs, novamente, deixaram de registrar importação de fructos para oleos procedentes do Brasil.

A BANANEIRA E A SUA CULTURA

EXPORTAÇÃO DE BANANA

Djalma Guilherme de Almeida

Engenheiro agrônomo



O desenvolvimento da fructicultura brasileira é uma aspiração constante dos que nella vêm um meio de actuarmos nos mercados estrangeiros, onde, é, de esperar, hão de ter poucos competidores as nossas saborosas frutas, algumas das quaes, ainda, quasi desconhecidas no estrangeiro apesar de suas boas qualidades.

Os principaes mercados estrangeiros, a que se dirige a nossa exportação de frutas, acham-se, em maioria, na zona temperada e em clima bem diverso da grande parte do Brasil e, por isso, encontram grande difficuldade em serem supridos por sua propria agricultura no que diz respeito ás nossas frutas tropicaes, em sua maior excellentes em valor alimenticio e paladar.

Parecem, portanto, indicadas, essas de que teremos quasi a exclusividade, para nellas basearmos a nossa exportação de fructas.

Antes, porém, será necessario introduzil-as na alimentação de outros povos por intermedio de intensa propaganda,

para que reconheçam suas qualidades que as tornarão posteriormente, necessarias á alimentação; a produção terá que ser organizada sobre os moldes da agricultura moderna para criação dos typos exportaveis, como já vai succedendo á nossa laranja e á banana.

Esta ultima, porém, já conhecida em todas as partes do mundo tem o seu consumo universal constantemente augmentado, o que se verifica do seguinte quadro da exportação de bananas das seguintes republicas situadas na America Central, que nella têm uma das principaes riquezas:

Quadro da exportação de bananas pelas Republicas de Honduras, Costa Rica, Guatemala e Nicaragua, nos annos de 1923, 24, 25, 26 e 27:

PROCEDENCIA DA EXPORTAÇÃO	ANNO DA EXPORTAÇÃO				
	1923	1924	1925	1926	1927
Honduras	11.655.414	13.125.731	14.603.767	16.291.379	17.090.182
Costa Rica	7.454.114	8.087.201	8.348.972	8.560.910	7.859.175
Guatemala	4.524.777	5.525.855	5.744.533	5.561.066	6.021.978
Nicaragua	3.420.326	2.844.632	3.027.147	2.162.745	2.386.191
Totaes annuaes	27.054.631	29.583.419	31.724.419	32.576.100	33.367.526

Pelo augmento constante dessa exportação, absorvida pelo consumo de bananas na America do Norte e na Europa, em cujos paizes cada vez maior aceitação tem tido, poder-se-ha, com segurança, afiançar completo exito e vultoso augmento da exportação brasileira, quando collocarmos nos paizes de destino o producto em boas condições, o que actualmente nem sempre se realiza pois que são frequentes as observações dos nossos representantes nos centros estrangeiros que recebem as nossas bananas, devido, principalmente, á falta de cuidados no transporte.

Esse augmento progressivo de consumo não permite suspeitar sequer de uma crise na exportação das bananas, mas, ainda, que essa pouco provavel hypothese fosse verificada na pratica, as grandes plantações de banana teriam sahida para sua producção empregando-a no fabrico de farinhas, ou secando-a para conserval-a, ou utilizando-a nos productos secundarios: assucar de banana, aguardente de banana, vinagre de banana e outros de que trataremos adiante.

Constantemente nos chegam do estrangeiro por intermedio de brasileiros que lá se acham noticias sobre as possibilidades de commercio das nossas varias frutras nos diversos centros de consumo. Destacada dentre ellas como de mais recente publicação é a informação do vice-consul do Brasil em Colonia reputada a terceira cidade da Allemanha e optimo mercado para frutras brasileiras, taes como bananas, laranjas, tangerinas, abacaxis, abacates e outras, sendo lastimavel que já não se as encontrem provenientes do Brasil e que nem sai-

bam que o Brasil as póde exportar. Dos seguintes preços alcançados pela banana nessa cidade allemã, podem ser avaliadas as exportações: a banana é vendida ao consumidor, por peso, na razão de 2\$000 a 3\$000 por kilogramma segundo a qualidade, chegando por vezes a 4\$000 o kilogramma. Até agora a cidade de Colonia recebe as bananas importadas das Canarias, da Africa e colonias holandezas.

Lembrando a conveniencia do Brasil iniciar a exportação de frutras para Colonia, o vice-consul aconselha que a embalagem de cachos de bananas seja feita em caixas hexagonaes, cujo tamanho variará com os delles e adverte que a exportação não poderá ser feita a granel como para os mercados do Prata.

Em vista do que aqui fica anotado e do movimento que se vem accentuando a favor da exportação de nossas frutras torna-se urgente a incentivação da pomicultura nacional, parecendo que de melhor proveito será firmal-a na exportação dos frutros tropicaes em que o Brasil poderá primar. Immediatamente tem a vanguarda a banana, pelos seguintes motivos: procura já existente nos mercados consumidores estrangeiros, preços que alcança; facilidade com que viceja em grande parte do paiz, em que seus frutros são abundantes e saborosos; simplicidade de sua lavoura; seu aproveitamento em numerosos subproductos; lucros que proporciona, e aproveitamento de todo vegetal em empregos de evidente utilidade.

A cultura deste vegetal, no entanto, ainda é desconhecida, geralmente pela população do Brasil, que a julga desnecessaria, por vel-a vicejar exuberan-

temente por toda parte. Essa concepção poderá ser rectificada pelas noções que, a seguir, vão simplificadas:

SYNONYMIA: — Portuguez: Bananeira; Allemão: Bananebaum; Inglez: Bananatree; Italiano: Banano; Francez: Bananier; Hespanhol: Bananero, Plátano.

HISTORICO — A bananeira é vegetal conhecido e utilizado desde épocas inmemoriaes. Encontra-se tão disseminada por todas as partes do mundo que não se lhe póde determinar a origem geographica. Opinam os autores diversamente sobre se é originaria da Asia, do Archipelago Malaio ou da America.

CLASSIFICAÇÃO BOTANICA — Linneu classificou-a na familia das Musaceas, genero *Musa*. Classificação mais recente dá a bananeira como pertencente, á familia das Scitamineas, tribus das Musaceas, genero *musa*.

DESCRIÇÃO BOTANICA — Monocotyledonea; herbacea, vivaz.

O caule é subterranea (rhizoma).

A parte aerea, cylindrica, geralmente denominada tronco; e o conjunto das bainhas foliares que, nestes vegetaes se apresentam muito modificadas, com grande desenvolvimento; justapostos estando os mais antigos na parte externa, a que dão ás vezes, o aspecto de casca pela dessecação e morte dos tecidos, emquanto as mais novas se encontram na parte interna, onde se desenvolvem as folhas que vão brotando e por cujo eixo cresce o prolonga-

mento apical superior do caule, que sustenta o cacho, a principal, de flores, substituídas após pelos frutos.

Essa adaptação das largas bainhas das folhas forma pequenos reservatórios, onde a água da chuva e do orvalho, recolhidas no limbo e que corre pela gotteira ventral da nervura principal, se depositam.

Os limbos das folhas atingem 2, 3 metros de comprimento, por 0,50 — 0,60 de largura.

A proliferação é convolutada, o limbo surge, em forma de cartucho, da parte superior do eixo interno; ao abrir-se é inteiro e oval, atravessado, longitudinalmente, por grossa nervura mediana, cannelurada na parte ventral e saliente na dorsal; dessa nervura mediana partem, perpendicularmente, as nervuras transversaes, paralelas e finas, no sentido das quaes se rasga o limbo em estreitas fitas lateraes, pela acção do vento.

O fruto é uma baga, cujas sementes, atrophiadas, se apresentam presas ao longo do eixo longitudinal do fruto.

CHINA — Apesar de poder ser considerada planta cosmopolita por sua resistencia natural, a bananeira tem o seu *habitat* natural entre os tropicos, sendo nessa zona que attinge maior desenvolvimento e productividade. Altura maxima em que pôde produzir vantajosamente: 1.500 metros sobre o nivel do mar.

Os principaes centros produtores mundiaes são: Jamaica, Costa Rica, Honduras, Panamá, Cuba, Colombia, Nicaragua, Guatemala e outros paizes de clima favoravel. No Brasil ha muito que a bananeira vegeta

espontaneamente, tendo ultimamente se desenvolvido a sua cultura para exportação, principalmente em São Paulo, Paraná e Santa Catharina.

No Estado da Bahia, tanto no sul, quente e humido, como no sertão, quente e secco, a bananeira prospéra, encontrando-se grande numero de variedades que, segundo um interessante trabalho do Sr. J. Pedro da Silva sobre a bananeira no Estado da Bahia, são as seguintes:

BANANEIRA DA TERRA — (*Musa Sapientum*) — Dá frutos excellentes. Cozidos ou assados constituem poderoso alimento nutritivo. Muito apreciada com as verduras de um cozido, ou em feijoadas; cozida para se tomar com café; frita com canella e assucar é deliciosa sobremesa.

No interior do Estado da Bahia preparam um cuscús, a *paçoca*, feito de banana pisada e côco.

Dá cachos tão grandes que, por vezes, um homem não os pôde erguer do sólo sem auxilio, nelles se contando cerca de 200 frutos.

BANANA MAÇÃ — *Musa malus*) — Eleva-se a 3 e 4 metros de altura, haste cylindrica, base quasi conica.

Frutos roliços, sem arestas nem angulos pronunciados, medem de 0,12 a 0,16 de comprimento para um diametro de 0,04 e 0,05.

E' a melhor banana de mesa, a mais saborosa e agradavel.

A casca é fina e lisa, a polpa é delicadissima e muito macia.

Acontece muitas vezes que a polpa se torna pouco delicada; parece que esta degenerescen-

cia se prende mais á questão de sólo e á do trato cultural, do que á influencia climaterica.

Então a banana se mostra empedrada, de massa crespa e granulosa, com manchas escuras e diz-se que tem pedra.

BANANEIRA DA PRATA — (*Musa Argentea*) — Seus frutos são mais apreciados. Occupa o segundo lugar como fruta de mesa, depois da banana maçã.

Os frutos não têm casca fina, mas a polpa é delicada e saborosa, apresentam a forma angulosa de arestas pronunciadas, medem 0,12 a 0,18 de comprimento.

BANANA DE SÃO THOME' — (*M. Paradisiaca*) — Os frutos são volumosos, bem conformados de superficie lisa e arredondada, medindo 0,14 a 0,18 de comprimento. E, a banana chamada dos doentes. Come-se assada, com canella e assucar, é optimo alimento para crianças e convalescentes.

BANANA ANÃ, CATURRA OU NANICA — (*Musa Chinensis*) — Tambem chamada dagua. Os frutos são longos, medindo de 0,18 a 0,22 de comprimento por 0,35 e 0,045 de diametro.

As bananeiras nanicas resistem bem aos ventos o que não succede ás da terra, o que parece constituir a principal razão de preferencia de sua cultura, dentre as suas demais qualidades, pois que é precoce, resistente e não se deixa atacar por pragas, nem molestias.

BANANA DE OURO — (*Musa aurea*) — Uma touceira desta variedade distingue-se logo por um tom de ouro bem pronun-

ciado. O fruto é menor que a banana maçã, mede 0,m08 a 0,m12 de comprimento por 0,025 e 0,m035 de diametro.

Casca fina, lisa e amarela. Polpa delicada e saborosa com a côr de gemma de ovo.

E' fruta de mesa, apreciada.

BANANEIRA MARANHÃO — (Musa...) — Muito semelhantes aos frutos da bananeira da terra, são os da bananeira Maranhão que é maior e de polpa mais grosseira; mede até 0,m30 de comprimento. Das variedades cultivadas na Bahia esta é das que maiores frutos produz, só sendo ultrapassados pelos de Angola, sendo bem cotados no commercio por isto. O comprador irreflectido pretere muitas vezes o tamanho do fruto á sua qualidade, que, neste caso fica em segundo plano.

BANANEIRA DE ANGOLA — Semelhante á da terra e á do Maranhão. Os frutos são grandes medindo até mais de 0,m30 de comprimento; é a maior banana que se conhece na Bahia.

BANANA RÓXA — (Musa violacea?) — Frutos de côr violacea, que se mostra tambem em leves tons pelos bordos e concavidades dos peciolo das folhas, de modo a distinguir esta variedade de qualquer outra.

Seus frutos são bem cheios e roliços, medem de 0,m12 a 0,m14 de comprimento para 0,04 e 0,m05 de diametro.

Apesar de ser das bananas mais nutritivas, não é procurada.

BANANEIRA DAS ALMAS — (Musa...?) — E' outra variedade cultivada na Bahia cujos

frutos não têm muita aceitação por serem pouco saborosos.

Distingue-se pela casca grossa de seus frutos, cheios de arestas bem salientes. E' a mais agrestes das variedades cultivadas na Bahia".

SOLO — A bananeira produz bem em terreno argilo-silicoso, silico-argilosos; prefere os solos de alluviação argilo-silicoso profundos, nas margens dos rios e riachos que não sejam demasiadamente humidos e nas grotas e quebradas que as nascentes offerecem. As bananeiras desenvolvem-se bem nos terrenos á beira mar, principalmente a variedade nanica tambem chamada dagua, como se vê no litoral do Estado de São Paulo principalmente nos arredores da cidade de Santos e no Estado da Bahia.

Devem ser evitados os terrenos de encostas ingremes, em que a bananeira vegeta, porém, produz menos e os de exposição a vendavaes fortes que muito a damnificam.

PREPARO DO SÓLO — Feita a derrubada, retirada a lenha e dado destino conveniente aos restos da primitiva vegetação, abrem-se valletas para evitar que as aguas pluvias o embexam demasiadamente e marcam-se as linhas para plantio das mudas.

A' semelhança das demais culturas o deslocamento será economico no caso da plantação em grande escala, em que forem usadas lavoura mecanica e a instalação para transporte.

CLASSIFICAÇÃO — Diversamente se orientam os autores quando tratam da distribuição das bananeiras com o fim de fazerem entre ellas distincção.

E' assim que uns as dividem em selvagens, mansas, etc.; outros separam-nas em bananeiras que dão e que não dão frutos, e ainda outros se baseiam nos caracteres botanicos para subdividil-as em generos e especies.

Dessas distribuições, quasi todas imperfeitas, citaremos algumas das mais interessantes, não por estudo scientifico, mas a titulo de illustração deste ponto, em que os autores se mostram, se não discordantes, pelo menos poucos inclinados a um só methodo de classificação.

Caminhoá, sem dividir a familia das Musaceas em tribus, limita-se a mencionar os seus generos.

A seguir faz a citação de que damos o que interessa o Brasil:

"Musaceas uteis — Bananeiras, dá-se este nome ás Musa de diferentes especies, cujos frutos são comestiveis, bem como os bulbos, que são ricos de fécula e cujas folhas dão bellas fibras, dão tanino e serem para diversos usos. Bananeira-anã (bananeira da China, bananeira figo, da Reunião), Musa Cavendishii Paston (Musa Chinensis Sweet), dá frutos comestiveis e fibras magnificas para cordoaria e tecidos".

Aqui deixamos de transcrever outras muitas cotações que avolumariam este esboço, para só conservar as duas outras que mais interessam ao nosso paiz.

"Bananeira de S. Thomé (pacóba, em alguns logares do norte do Brasil). Musa sapientum L.

Bananeira da terra (ou pacobassú, em alguns logares do norte do Brasil). Musa paradisiaca L".

Accrescenta que Martius se enganou dando a bananeira de

S. Thomé como sendo *Musa paradisiaca* e chamando a da terra *Musa sapientum*.

Uma das mais completas classificações é a proposta por Baker, para o genero *Musa*, que divide em tres sub-generos:

Physocaulis (caule inchado) — Quasi todas as especies são africanas e os frutos não comestiveis.

Rhodoclamys (brancas vermelhas) — Especies em sua maioria asiaticas, entre ellas a *Musa maculata*, a só comestivel.

Deixando de parte os caracteres e as especies destes dois sub-generos, assim como os caracteres das do sub-genero *Eumusa*, que tornariam demasiadamente "pesada" esta publicação, em vista de ser collimado unicamente o facilitar a propagação de conhecimentos uteis e de immediata applicação no nosso paiz, damos ligeiras informações sobre algumas especies do genero *Eumusa*;

Musa Cavendishii, Lamb, ou *Musa chinensis* de Sweet ou *Musa sinensis* de Sagot — Altura, de 1,m20 a 1,m80; cachos chegando a apresentar de 200 a 250 fructos. E' cultivada em todos os paizes tropicaes, com os nomes de bananeira da China ou bananeira nanica ou bananeira anã.

Musa nana, Lour, (considerada variedade da *Musa Cavendishii*) — Apresenta tambem pequeno porte.

Musa sapientum, Linn. — Chega a seis e sete metros de altura. Fruto comestivel; é a banana commum, cultivada universalmente nas regiões tropicaes. A *Musa paradisiaca* de Lina é considerada variedade dessa especie.

Esta ultima opinião differe da de Caminhoá, anteriormen-te feita, e da de Tamaro, expressa em seu trabalho intitulado *Fruticultura*, que adiante lembraremos, que as consideram especies distinctas. Diz Tamaro:

"Especies botanicas cultivadas (genero *Musa*) — Sob o ponto de vista de cultura podem ser agrupadas em tres formas typicas as variedades de bananeiras cultivadas:

1.^a) *Musa sapientum* L., bananeira da Guiné, tem frutos pequenos e o pseudo tronco é alto.

2.^a) *Musa paradisiaca* L. é tambem bananeira alta, regime (cacho) enorme, composto por frutos grandes que são ingeridos depois de cozidos, nas regiões tropicaes, da mesma forma que os legumes, quando estão verdes, e offerecem excelente alimento de facil digestão quando estão maduros. Bananeira grande".

Vê-se, por taes caracteristicos, que se trata da bananeira da terra e, portanto, de accordo com Caminhoá, discordando de ambos estes conceituados autores, mas corroborando a opinião do Sr. A. J. de Castro, no trabalho *A bananeira e sua cultura*, o Sr. J. Pedro da Silva no seu escripto, á que denominou *A bananeira no Estado da Bahia*.

Continuando a classificação de Tamaro, interrompida para este ligeiro reparo:

3.^a) *Musa Cavendishii* Lamb., com o pseudo tronco muito grosso e relativamente curto (1,m50); frutos alongados, cylindricos, em numero que atinge até 200 por cacho.

Esta especie é cultivada em todo o littoral mediterraneo: Cirenaica, Tunis, Argelia, Marrocos e ilhas atlanticas de Cabo Verde, Madeira e Canarias e algumas localidades da Europa.

Nas variedades muito productivas póde contar cada regime (cacho) até 12 ou 14 mãos (pencas).

O fructo da bananeira é a principio verde, depois de maduro é amarelo e cáe da arvore quando fica preto.

No tamanho, na qualidade da polpa e no numero de cachos se basea a distincção das formas cultivadas.

Nos paizes originarios frutifica no segundo anno de vida e morre, emquanto que na zona temperada (Europa) a falta de calor faz atrazar a frutificação até o terceiro ou quarto anno".

PLANTAÇÃO — Preparado o terreno e marcadas as linhas, abrem-se as covas, mais afastadas quando a especie fôr de plantas mais desenvolvidas e o terreno fertil e mais proximas quando o porte das bananeiras fôr menor e o terreno menos propicio á sua vegetação, isto porque, no primeiro caso, pelo tamanho de cada exemplar e abundancia de bananeiras em cada touceira, necessitarão de mais espaço, dando-se na segunda hypothese o inverso.

As distancias variam, geralmente, de tres a quatro metros de cova a cova, as dimensões das covas são de 0,m50 em todos os sentidos. Nellas são collocadas as mudas, retiradas de touceiras em producção.

Podem ser adoptadas as distancias de 4,m00 x 4,m00 de cova a cova para a cultura mecanica e de 3,m00 x 4,m00 para

a cultura manual; neste caso a quantidade de mudas por hectare é calculada em 833, enquanto no da cultura mecânica é de 625.

Epoca da plantação — E' a que precede a estação chuvosa. Na Bahia adoptam o outono como melhor época de plantação; em S. Paulo, é em setembro o melhor periodo para plantio de bananeiras; em geral podemos indicar duas épocas de plantação; uma para o norte do Brasil, de março a maio, e outra para o sul do paiz, de maio a outubro.

Consociação — Devido ao seu porte, geralmente elevado, e á sua abundante folhagem — que depois do bananal desenvolvida a área por elle occupada — á bananeira não consente a consociação proveitosa de outros vegetaes. A sua reproducção natural e periodica por meio de rebentões do rhyzoma, chamados filhotes ou mudas, faz com que o bananal seja permanente e definitivo, emquanto o terreno não está exaurido em seus elementos de fertilidade, durante cerca de 12 annos, podendo ser este periodo bastante augmentado por uma cultura bem orientada, em que se empreguem os cuidados e processos da lavoura mecânica e seja fornecida ao bananal conveniente adubação.

Razão por que não se cogita de afolhamento ou consociação em bananaes. Póde-se, porém, com muita vantagem, empregar inversamente a consociação da bananeira em culturas de vegetaes de desenvolvimento demorado, em que nos primeiros annos as bananeiras, a par de boa sombra e protecção, fornecerão producção sufficiente

para fazer face ás despesas com a cultura em installação e que será depois a principal e definitiva.

Tratos culturaes — Quatro a seis roçagens por anno, que podem ser economica e rapidamente feitas com grades de disco. Importante é o preceito da não retirada do matto, que deve ficar "abafado" no proprio local, para, evitando a evaporação do sólo e nelle se decompondo, favorecer a existencia, de duas qualidades do sólo capitaes para a bananeira: conter humidade e possuir humus.

As araduras têm valioso effeito sobre a producção por fornecerem terra abundante de fertilidade ás raizes das bananeiras que são pouco desenvolvidas e só esgotam os elementos nutritivos do sólo no local da touceira, ao passo que a terra dos arruamentos entre ellas conserva-se mais rica; isto justifica maior numero de araduras, quando não se fizer adubação sufficiente.

Convém eliminar as folhas seccas, desembaraçando o vegetal dos tecidos mortos, retirar o excesso de rebentões, conservando tres a quatro pés em cada touceira, e utilizando aquelles na reproducção de novas touceiras. No caso de grandes cachos devem elles ser escorados com forquilhas fixadas contra o sólo, para que seu excessivo peso não prejudique a bananeira, occasionando até dobrar-se ao meio o pseudo caule. Deve-se procurar fornecer irrigação farta ao bananal nos casos em que isso fôr economicamente possivel e vantajoso.

Das mudas retiradas das touceiras escolhem-se as mais vantajosas para o plantio, pelos seguintes caracteres: apresen-

tarem-se bem desenvolvidas, porém, sem folhas abertas, a base é que deve ser volumosa diminuido o diametro para o apice até afilar-se superiormente com aspecto sensivelmente conico; são inconvenientes as mudas de base pouco volumosa, parte mediana cylindrica e folhas abertas em largos limbos.

Não se deve accumular detritos das limpas e capinas nas touceiras das bananeiras porque isso leva á formação de uma camada de sólo, frouxo e sem resistencia para supportar as raizes das bananeiras, que passam a ficar quasi completamente expostas, sem resistencia sufficiente contra os ventos.

E' conveniente que as covas depois do plantio fiquem ainda um pouco vacias, assim como as touceiras devem conservar-se rasas, para reterem a agua das chuvas e permittirem que os rebentos brotem da terra firme bem vigorosos e muito presos ao sólo. Os que se apresentarem mal constituídos, apparentemente fracos, rachiticos, devem ser eliminados em proveito dos mais vigorosos, que, assim, mais se desenvolverão.

Em cada touceira, além das quatro bananeiras destinadas á frutificação, convém deixar quatro filhotes ou rebentões, que as substituirão depois do corte da colheita.

Parte importante para a conservação dos bananaes é a protecção contra os ventos, pela conservação de mattas existentes a plantação de renques de arvores altas do lado de que provêm os mais impetuosos ventos quando o terreno é plano; cogitando-se previamente da exposição dos terrenos de meia encosta para a installação do bananal, afim de evitar os ventos de sudeste e noroeste, que

muito os damnificam; dessa observação resulta a preferencia da exposição para oeste e mesmo para este, apesar desta receber menos quantidade da benéfica acção solar.

Mudas — Para instalar um bananal é necessario, naturalmente, obter previamente as mudas que geralmente são retiradas de bananaes desenvolvidos e nada mais são que um broto proveniente do caule subterraneo. Quanto mais antigo o bananal maior numero de mudas pôde fornecer pela abundancia de rebentões em cada touceira, o que permite, a obtenção de milhares de mudas para estabelecer novas plantações.

Como acima ficou dito, as mudas devem ser curtas, possuir a cepa volumosa e ainda não apresentarem folhas abertas, sendo rejeitadas as de hastes longas e finas e de aspecto de-finhado.

Adubação — A bananeira para bem vicejar e augmentar o desenvolvimento de seus órgãos vegetativos necessita de compostos azotados; para maior resistencia dessas partes precisa dos elementos cal e potassa; para maior e melhor produção dos frutos carece de phosphatos.

E' aconselhada, nos terrenos pobres em humus, a adubação com estrume de curral para fornecer o azoto que lhes falta. Nos bananaes, porém, geralmente, ha abundancia de humus pela decomposição dos tecidos vegetaes de diversas partes da bananeira (folhas, pseudo, caule etc.) que nelle propositadamente são deixadas depois de cortadas, o que poupa a despeza com esta parte da adubação.

A cal é outro elemento de fer-

tilidade para o bananal e, quando este for instalado em zona praieira, como os já citados bananaes de Santos, Estado de S. Paulo, e da ilha da Maré — Estado da Bahia, é obtida facilmente pelo aproveitamento das conchas de animaes marinhos, que melhores resultados fornecem quando são previamente pulverizados.

E' interessante lembrar aqui os dados a este respeito fornecidos na monographia "A bananeira e sua cultura" de Lourenço Granato, que com tanto brilho tem collaborado nesta secção.

"Um bananal que contém 1.600 touceiras perde annualmente:

Azoto, de 77 a 81 kgs.

Acido phosphorico de 37 a 46 kgs.

Potassa de 498 a 606 kgs.

Desses dados resulta que a bananeira é ávida de azoto e sobretudo de potassa, cujo fertilizante em certos paizes tropicaes é absorvido por essa cultura na proporção de 1.000 kgs. por anno.

Os adubos mais indicados para reparar as perdas do bananal são o estrume de curral, o sulfato de ammoniaco, os phosphatos e os saes de potassa, além da cal".

"O sulfato ou chloreto de potassio na proporção de 100 a 160 kgs. por hectare, ou seja de 240 a 380 kgs. por alqueire de terra e o perphosphato na proporção de 250 a 400 kgs. por hectare (ou 600 a 960 kgs. por alqueire) são os fertilizantes preferiveis.

A cal, nos solos pobres desse elemento, deve ser distribuida na proporção de 10 toneladas por hectares, repetindo-se a operação em periodos de 5 annos, approximadamente. At-

tribue-se á cal a propriedade de evitar a formação de pedras nos fructos. Seja como for, o certo é que a cal é para as bananeiras um elemento fertilizador de grande valor e os lavradores do litoral, que podem aproveitar para esse fim as conchas marinhas, não devem hesitar nessa operação".

Colheita — Cada bananeira produz um cacho no periodo de 8 a 10 mezes, por isso, quando o bananal é instalado em época propria inicia-se a colheita desde o primeiro anno.

Consiste a colheita em derrubar a bananeira para colher o cacho.

Deve-se, no entanto, ter o cuidado de fazer o corte rente ao solo, dando-se preferencia á serra, cujo manejo, por entre os rebentões novos, é mais conveniente para não offendel-os e até mesmo sacrificall-os, como frequentemente succede com o uso de outros instrumentos (foice, facção, etc.).

A bananeira, depois de derrubada, não deve ficar tombada por entre as touceiras do bananal, é preciso cortall-as em pequenos pedaços e amontoall-os assim, para que mais depressa se decomponham e venham a se integrar na composição do solo do bananal.

A colheita dos cachos exige a observação de certos preceitos que garantirão o bom exito de seus resultados e o bom estado das bananas. Assim, a pratica determina que a colheita seja feita antes da completa maturação do cacho que deve ser colhido quando as bananas estiverem ainda "de vez" ou "inchadas", o que lhes garante maior resistencia ao transporte e boa integridade dos fructos; tendo-se o cuidado de conservar

A Escandinavia bom mercado para o Algodão brasileiro

O algodão em rama importado pela Dinamarca está calculado actualmente em cerca de 20.000 fardos e o total da importação nos países da Escandinavia deve attingir 250.000 fardos de 250 kilos cada um. Essa importação é quasi toda de procedencia norte americana, segundo informa o Ministro do Brasil na Dinamarca, Sr. Muniz de Aragão.

Em virtude dos altos preços do algodão americano, os importadores dinamarquezes estão interessados em adquirir esse artigo em outros mercados, onde possam obter os mesmos tipos por um menor preço. Nessas condições a industria textil já tem ensaiado a importação do algodão africano do sul e do indiano, e também argentino e peruano, mas o verdadeiro interesse reside no brasileiro, a vista das experiencias já feitas com as raras amostras do nosso producto, ali apparecidas.

O nosso algodão sómente poderá ser importado na Dina-

Condições de exito desse commercio.

marca, e os exportadores brasileiros só lograrão entrar em relação com firmas idoneas dinamarquezas, se quizerem adoptar o modo como é feita a importação dessa mercadoria na Dinamarca e nos outros países da Escandinavia.

Os tecelões dinamarquezes compram habitualmente pelo custo e frete (fob), em porto do

calculado em pezo bruto, e o pagamento é feito a 90 dias de vista, sobre Londres, por um banco de reconhecida responsabilidade.

A maioria dos tecelões noruegueses e finlandezes effectuam as suas compras nas mesmas condições adoptadas pelos dinamarquezes.

O algodão brasileiro, pela sua qualidade, pôde sem duvida obter uma boa acceitação no mercado dinamarquez, assim como em toda a Europa, mas torna-se imprescindivel estabelecer a classificação official do nosso producto em "Brazilian Standard", para ser offerecido pela Bolsa de Algodão do Brasil e assim facilitar as operações dos peritos de Liverpool, Bremen e Havre, isto é, como é feito com o algodão de procedencia americana.

A industria textil da Dinamarca emprega o algodão das seguintes procedencias: Texas; Texas-Orleans e Texas-Oklahoma, respectivamente, de fibras de 28 m/m, 28-29 m/m e 28-30 m/m de dimensão e o producto deve ser sempre de boa côr.

O padrão "Standard Americano" está constituido da seguinte forma: "Good midling", "Strict midling", "Midling" e "Strict low midling". A classificação "Standard Liverpool" é a seguinte: "Fully good midling", "Good midling", "Full midling" e "Midling", apenas em pequenas quantidades.

Essas indicações correspondem, pois, ás qualidades que encontrarão favoravel acceitação nos mercados escandinavos.

Segundo, a Legação do Brasil em Copenhague, a firma A. O. IRSKENS, Tordenskjoldsgade n. 5, Copenhague K, está interessada na importação do algodão brasileiro. Tudo indica que o nosso producto poderá ter naquella paiz um excellent mercado, pois, além do mais, a importação do algodão em rama não está sujeita a taxa alfandegaria e nem existem favores especiaes para a importação do mesmo artigo procedente de outros países.

A bananeira e a sua cultura

longo pedunculo no cacho ao cortal-o, fica assegurado o amadurecimento das bananas pela seiva e reservas do pedunculo, que vão sendo fornecidos lentamente aos fructos que vão amadurecendo progressivamente, até alcançarem o completo grão de maturação dentro de um periodo de cerca de 15 a 20 dias.

Importancia capital tem este facto para o commercio e exportação de bananas pela vantagem resultante de poderem os fructos resistir a longas e demoradas viagens, conservando as suas tão apreciadas qualidades, ao serem entregues aos consumidores nos respectivos destinos.

(Continúa)



Revista da Sociedade Nacional de Agricultura e da Confederação Rural Brasileira

Fundadas em
16 de Janeiro de 1897, e
7 de Dezembro de 1928

—ooo—

Dr. Augusto Ramos
Vice-Presidente da Sociedade, em
exercício

Redactores
Eng. Ag. Thomaz Coelho Filho
e
Petra de Barros
Gerente
Roberto Dias Ferreira

■

Redacção e Administração:
RUA 1.º DE MARÇO, 15-Sob.
TELEPHONE
4 - 1416
RIO DE JANEIRO BRASIL

paiz, deduzidos 6 % para a differença do pezo na descarga e 1 % para despesas portuarias. O pagamento é feito sob a base dollar americano, pelo seu valor correspondente em moeda ingleza contra apresentação de documentos á chegada da mercadoria no porto de destino. Os importadores suécos compram pelo custo, seguro o frete (cif), até um porto da Suecia,

Estudos das madeiras da Amazonia com relação á industria do papel

pelo

Chimico Industrial
Arthur M. Bastos



Subordinado ao titulo acima, lemos ultimamente um interessante artigo do chimico Arthur de Miranda Bastos, formado pela Escola Chimica annexa ao Museu Commercial do Pará.

Nesse artigo o Sr. Bastos começa estudando o estado actual da industria madeireira paráense, jungido ainda ao beneficio dos especimens apropriados para a construcção civil.

Entretanto, como frisa aquelle mesmo senhor, o Pará poderia fornecer enormes contingentes de madeiras proprias para a industria do papel, e que, por falta de emprego, são olhados pelos productores como exemplares vegetaes de minima importancia.

Para corroborar a sua affirmação, o senhor Miranda Bastos publicou os resultados de uma série de estudos levados a efeito nos Laboratorios da Escola de Chimica Industrial do Pará, e que são muito interessantes, como se verá mais adiante:

“O uso que consagrou o pinho, a betula, o freixo, como madeiras typicas para a fabricação de papel, consentiu que até á presente data as nossas especies vegetaes não merecessem a attenção da industria, máo grado estarem submettidas a um trabalho intensivo as florestas dos principaes paizes fornecedores desta materia prima,

Canadá e Scandinavia, e já se sentir uma verdadeira carencia della.

Está fóra de duvida, todavia, que muitas são as madeiras amazonicas capazes de ser utilizadas na fabricação do papel, de algumas das quaes acabamos de extrair excellentes amostras, após uma série de experiencias feitas nos laboratorios da Escola de Chimica Industrial annexa ao Museu Commercial do Pará, e das quaes deduzimos os rendimentos seguintes:

RENDIMENTO EM CELLULOSE SECCA A 110°, SOBRE MADEIRAS DESCASCADAS E SECCAS A' MESMA TEMPERATURA.

Paricá branco.....	39,0	%
Mutamba ou pojó...	43,8	%
Envira branca.....	41,8	%
Louro amarello.....	40,0	%
Louro tamanco.....	42,8	%
Periquiteira.....	33,4	%
Quaruba branca....	42,5	%
Tamanqueira.....	45,1	%
Merotokó.....	52,5	%
Japacanim	46,9	%

Imbau'ba.....	53,5	%
Páo mulato.....	38,2	%

Taes rendimentos oscilam, como se vê, entre 40 e 45 %, e são sensivelmente maiores que os encontrados por Ziegelmeyer em algumas especies classicas, nas mesmas condições de operação, a saber:

Pinho dos Vosges....	37	%
Pinho sylvestre.....	38	%
Faya.....	35	%
Betula.....	29	%
Alamo.....	33	%
Freixo.....	26	%

De Cew, Hugo Muller e outros, encontraram sobre estas mesmas plantas resultados mais fortes, decorrentes, sem duvida, de um methodo diverso de fazer as dosagens. Os numeros por nós obtidos não deixam de qualquer modo de ser significativos, pois exprimem não a representação theorica de analyses de laboratorio, mas rendimentos de processos industriaes applicados em pequena escala, e capazes de ser reproduzidos na pratica.

Como acabam de ver os leitores, são verdadeiramente animadores os resultados dos estudos do chimico Miranda Bastos, evidenciando as magnificas possibilidades dessa rendosa industria ao grande Estado do extremo norte.

(De “O PAIZ”)

DE ONDE SE PODERIAM TIRAR GRANDES FORTUNAS NO BRASIL :

Os caranguejo e os salmões são importantes productos dos mares do norte do Japão e são enlatados e exportados para o mundo inteiro. Os japonezes estão em uma posição geographica das mais vantajosas para a exploração dessas riquezas. Ha varias companhias nacionais de pesca e conserva desses productos, das quaes a maior e mais poderosa é a **Japanese-Russian Fishery Company Ltd.**, de que é presidente o Sr. S. Tsutsumi, director-gerente o Sr. R. Danno, tendo uma latoraria em Kamtchatka; o enlatamento de caranguejos é feito em larga escala, pela companhia.

Os caranguejos, usados para enlatamento são os chamados **taraba-kani**, os maiores da especie, medindo 3 a 4 pés de comprimento e pesando 8 libras, cerca de 4 kilos. Até ha pouco, elles eram pescados ao longo da costa norte de Hakkaido e no litoral de Saghalien e das ilhas Kurile, muito a contento dos enlatadores. Mas, aos poucos foram abandonando esses sitios pelo Mar de Kamtchatka e o Mar de Okhotsck. Em geral, a estação da pesca se estende pelos quatro mezes que vão de fins de abril a principios de setembro. A rede de pescaria, chamada, **Kaniami** (rede para caranguejo) é diferente das redes communs; é feita de tal modo que os caranguejos que a penetrem não poderão mais sair, por ficarem com as patas embaraçadas. A rede é atirada á profundidade de 45 a 58 metros e 18.000 a 27.000 metros distante da cos-

A industria do caranguejo no Japão



ta, sendo arrastada durante cinco ou seis dias. E' depois, puxada para dentro das canoas, pejada de caranguejos, centenas dessas redes são lançadas e retiradas diariamente, sendo os caranguejos levados para a praia e immediatamente desembarcados e enviados ás latorarias, que, sem demora, os preparam e emballam.

A operação da retirada dos caranguejos das redes é manual e toma muito mais tempo do que se poderia supôr. Aliás, todo o processo da industria desde a apanha até o enlatamento, é feito a mão, o que contribue para tornar o producto mais caro do que o salmão ou outro peixe, em conserva.

Attinge ao valor annual de 18.600.000 yen o volume da industria de caranguejos.

A sua exportação se faz para diffrentes partes do mundo, além do proprio Japão, e, devido ao seu sabor delicioso e á boa embalagem, ha grande procura do artigo, exportando-se o que é melhor e contentando-se os japonezes com o que sobra.

E' a seguinte a estatística da produção, da exportação e do consumo no Japão, desta mercadoria, nestes ultimos annos:

ANNOS	Produção	Exportação	Consumo no Japão
	Caixas	Caixas	Caixas
1921	78.336	45.250	33.086
1922	103.915	76.500	27.441
1923	131.097	101.235	29.862
1924	214.621	152.327	62.294
1925	203.620	121.125	82.495
1926	397.905	276.881	121.024
1927	483.200	—	—

A segunda operação consiste em arrancar as carapuças dos caranguejos com um ancinho, ao deixarem as redes e ainda vivos. Esse tratamento pôde parecer deshumano, mas, é

considerado essencia para manter a frescura da carne.

A terceira operação é a do cozimento dos caranguejos ainda vivos, depois do que, é ex-

traída, a carne do corpo, das pernas e das unhas, e lavada, o que constitue a quarta e a quinta operações, respectivamente. A sexta etapa é a pesagem da carne e a setima, e ultima, o enlatamento.

A carne é classificada em: carne das pernas, das unhas e do corpo, sendo a primeira a melhor, vindo, em seguida, a das unhas, sendo a do corpo, de terceira categoria. O caranguejo enlatado é classificado, de acordo com a proporção dessas tres categorias, em: especial, escolhido, bom e regular. O especial e o escolhido contêm a carne das pernas e um pouco da das unhas, e o bom e o regular a carne do corpo e das unhas. Para a composição dessas diferentes clas-

ses, a carne é misturada em proporções fixas, pesando-se a mistura, que é, depois, enrolada em papel impermeavel e enlatada. As latas são internamente, revestidas de verniz. O papel impermeavel e o verniz provaram ser um preventivo efficaz das manchas pretas (black-sports), sobretudo o primeiro, que foi o principal factor da actual prosperidade da industria, porquanto, antes de adoptar-se o seu uso, havia grandes prejuizos decorrentes da formação de manchas pretas produzidas pelo contacto da carne com a folha das latas.

A industria japoneza dos caranguejos em conserva está abundantemente provida de material e emprega excellentes methodos de trabalho.

Além disso, os seus productos estão sujeitos a rigorosa e frequente inspecção, por peritos, antes do embarque, que julgam da qualidade do conteúdo pela percussão externa nas latas. Isso garante a mercadoria japoneza contra qualquer reclamação quanto á falta de peso ou á pollulação.

Devido á confiança que inspira e á delicia dos seus productos, essa industria nipponica conquistou, e mantem, uma esplendida reputação no mercado internacional, competindo, galhardamente, com suas rivaes.

São, pelo menos, as interessantes informações que, a respeito, nos vehicula o excellent periodico *The Japan Magazine*.

30% DE ECONOMIA

NITROPHOSKA I G

O ADUBO PERFEITO !

Um novo producto da industria chimica allemã que vem revolucionar o mercado mundial de adubos

Economia na compra
Economia nos fretes
Economia nos carretos

NITROPHOSKA

SIGNIFICA

Economia na applicação
Garantia de analyse
Garantia de resultado

O maximo do valor no minimo do volume

Um producto do Syndicato de Azoto (Stickstoff - Syndikat) Allemanha

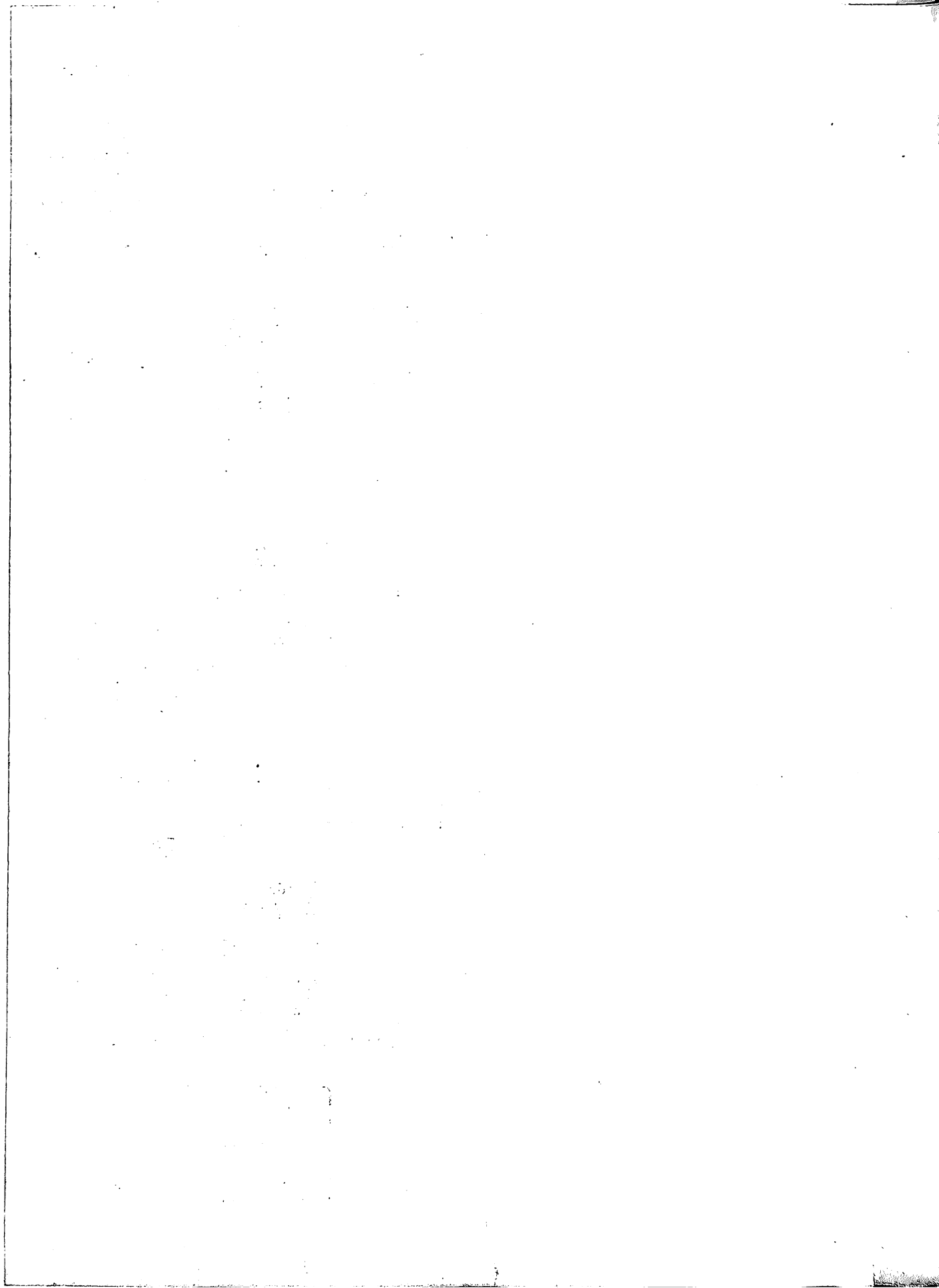
UNICOS REPRESENTANTES E DISTRIBUIDORES NO BRASIL :

Fernando Hackradt & Cía.

S Ã O P A U L O

Caixa Postal n. 948





Governo do Estado da Bahia

Excerptos principaes da mensagem apresentada á Assembléa Geral do Estado pelo Governador Vital Soares

Publicamos, a seguir, os principaes trechos da mensagem apresentada á Assembléa Geral do Estado da Bahia, pelo governador Vital Soares.

Nesse documento, S. Ex. aborda os problemas mais relevantes da vida administrativa bahiana, suggerindo soluções que reafirmam sua clara visão de estadista:

“Senhores membros da Assembléa Geral Legislativa:

Pela segunda vez compareço perante esta respeitavel Assembléa, para dar cumprimento ao art. 59, § 15 da Constituição da Bahia. Expressar-me-ia com mais acerto, se dissesse que, sendo esta a segunda, era tambem a ultima vez que, no caracter de Governador do Estado, me desempenho do alludido dever constitucional, porquanto, o anno vindouro, quando se reabrir a legislatura, em 2 de Julho de 1931, já estarei afastado das minhas funções de Chefe do Poder Executivo do Estado, por me haver investido nas de Vice-Presidente da Republica, em virtude da minha eleição para esse elevado posto em 1.º de Março do corrente anno.

Interrompido, assim, e inesperadamente, o exercicio do meu mandato, de Governador, cuja duração foi, em consequencia, reduzida a pouco mais de metade do periodo constitucional, natural é que não me tenha sido possivel realizar todas as minhas promessas de candidato já de si prejudicado por uma serie de factores diversos que se congregaram por me empecer a actualiação administrativa e entre os quaes culminou, preponderante, a formidavel crise economica de que padece o mundo, de que, em reflexo, soffre o paiz, e de que não poderia escapar a Bahia. Valham essas circumstancias como dirimentes de qualquer responsabilidade minha pelas falhas do meu programma, e tenham sobretudo a virtude de realçar o pouco das minhas rea-

lizações, á conta de muito, por conseguidas atravez e apesar de todos os elementos contrarios. Avaliando-as hoje, sob esse criterio, e sem perder de vista as contingencias a que alludo, creio se me reconhecerá o direito de envaidecer-me por ter demonstrado, mais de uma vez, a coherencia dos meus actos com as minhas idéas.

Releiam os meus concidadãos a minha plataforma de candidato. Cotejem os meus actos de Governo e verifiquem qua se realizou a reforma da nossa Constituição e em consequencia remodelou-se a organização judiciaria, o regimen eleitoral, a organização municipal. O problema da instrução publica teve o carinho promettido, revelado atravez das providencias adoptadas, e dos optimos resultados já colhidos como demonstram as estatisticas escolares, que adiante vão transcritas. E a assistencia prestada a diversos estabelecimetros particulares de ensino, notadamente a Faculdade de Direito, á qual foi concedido um auxilio de 200 contos, tambem documenta a preocupação do governo pelo problema do ensino.

A vida municipal teve a sua reorganização atravez da lei n. 2.229, de 18 de Setembro de 1929, que habilitou o executivo estadual a intervir nos negocios communes de modo a assegurar a boa ordem na sua direcção.

Diversos auxilios pecuniarios prestados pelo Thesouro a empreendimentos municipaes de utilidade publica. Isso sem falar na Capital, cujos grandes encargos de dividas atrazadas, quasi impossibilitaram o nosso principal municipio de vida autonoma.

Não fosse a ajuda do Estado e nem sei a que teria chegado a deploravel situação financeira do Municipio da Capital. Tomando a si a liquidação do emprestimo da ex-Light e da “Compagnie de Eclaira-

ge de Bahia”, assumiu o Thesouro Estadual graves encargos com os credores externos da Prefeitura do Salvador, no proposito de amparar a convenientemente e evitar a sua bancarrota.

Em consequencia dessa e de outras medidas, por força das quaes ficou o Municipio do Salvador alliviado de pesadas despesas ordinarias, poudo o Prefeito actual realisar obras de vulto no melhorar a pavimentação da cidade, a sua illuminação, os serviços de asseio e os de transportes, mantendo, tambem, em dia, o pagamento do seu functionalismo.

Os serviços municipaes de agua e esgoto eram, aqui, deficientissimos. Na administração do Dr. Góes Calmon, passaram taes serviços á superintendencia directa do Estado, sendo, em 1926, contractado com o notavel engenheiro Saturnino de Brito, o estudo e projecto de um plano de remodelação completa. Tal remodelação foi iniciada pelo meu Governo no anno passado, conforme verificareis na parte desta Mensagem que ao assumpto especialmente se refere.

Essas grandes obras vão marchando regularmente, já tendo sido despendidas, nellas, avultadas sommas. Como se trate de empreendimento de grande porte e que demanda prazo dilatado para sua completa execução, não lograrei realisar-o inteiramente no curto periodo, que ainda me resta, na administração.

Mas, deixarei o Governo satisfeito por ter dado inicio á obra de mais necessidade e de utilidade mais palpavel para a vida da nossa yelha Metropole.

No que tange aos serviços policiaes, fiz a reforma da Guarda Civil, melhorando os ordenados do pessoal, e promovendo o seu aperfeiçoamento technico. Cogitei do problema dos quarteis e encetei a

remodelação, que vinha, sendo feita, da Penitenciaria do Estado.

Não descurei da ordem publica, que assegurei sempre mantida em todo o territorio bahiano.

O fomento economico da terra, pela melhoria e defesa das nossas lavours, foi das preoccupações capitais da minha administração. E se muito mais não realizei neste sentido, foi porque factores varios influenciaram contrariamente, sobretudo a falta de mais largos recursos financeiros, que só lograríamos alcançal-os por meio de um emprestimo externo, que os interesses do Estado ainda não aconselham se effectuassem.

Disto tambem dependiam varias outras providencias e medidas governamentais, que eu deveria tomar e que de verdade não pude tomar, por me falharem os meios pecuniarios. As receitas fiscaes cresceram em ritmo com as dificuldades economicas, oriundas da diminuição e da baixa de preço dos nossos principaes productos exportaveis.

Não é que taes factos tivessem origem indigena. Antes, elles foram o reflexo da terrivel crise que, alastrada por quasi todo o mundo, tambem attingiu o Brasil e, consequentemente, á Bahia.

Isso não obstante, funcionou sempre o aparelho de fomento, fizeram-se construcções de estradas de rodagem e proveu-se á manutenção e custeio das ferrovias estaduais arrendadas e do regimen de garantia de juros, registrando-se actividade progressiva na vida commercial do Estado.

Do ponto de vista da saude publica, não poderíamos ter conseguido melhoers effectos.

Assim o attestam os resultados da nossa administração sanitaria, entregue á competencia do illustre hygienista, Dr. Barros Barreto.

Do relatório do Sr. Secretario da Saude e Assistencia Publica, referente ao exercicio de 1929, que terei o ensejo de estudar, colligireis dados que testificam as excellentes condições de salubridade e hygiene a que já attingiu a Bahia, embora não provida ainda da Capital de um modelar serviço de saneamento.

As finanças publicas foram objecto de vigilante attenção.

A obra meritoria realizada pelo meu antecessor, graças a cuja acção se poz ordem na administração financeira da Bahia, teve continui-

dade progressiva. Procurou o meu governo manter o credito do Estado no exterior, pagando pontualmente e, ás vezes, antecipadamente, as obrigações da divida externa e promovendo ajustes e accordos com relação ás do Municipio da Capital.

A pontualidade do resarcimento dos encargos do Estado, quer externos, quer internos, foi norma que procurei sempre seguir.

A moralidade e seriedade no trato dos negocios publicos, pelos seus agentes responsaveis, foi padrão rigorosamente observado nas relações do meu Governo.

De par com isso, o respeito religioso á liberdade dos cidadãos, a tolerancia, para os adversarios e o amplo direito de critica, ás vezes desabrida, dos actos do Governo, teem sido sempre mantidos, e reiteradamente recommendados.

Chegado que sou, antes de tempo, ao fim da jornada, por força do voto significativo que me escolheu para o cargo honroso de Vice-Presidente da Republica, não me arreceio do juizo severo que, da minha conducta no governo da Bahia, me queiram fazer os meus concidadãos.

Coherente com as minhas idéas, fiel aos principios que me tracei na vida publica, não desmenti, no exercicio do mandado de governador, a tradição liberal que me elevou a tão alto posto.

E nessa confiante certeza, dou conta ao povo bahiano, pelo intermedio dessa illustre Assembléa Geral Legislativa, que delle é lidima representante, da acção administrativa que desenvolvi, no desempenho da primeira magistratura do Estado, que me foi outorgada pelo seu voto unanime".

A BAHIA E OS GOVERNOS DA UNIÃO E DOS ESTADOS

Ufano-me de proclamar a perfeita cordialidade em que se têm mantido as relações entre a Bahia e a União.

A consideração que por dever constitucional, reciprocamente cerca os actos de um para outro governo, se ha alicerçado no aprego pessoal e na perfeita solidariedade politica que hei prestado á benemerita administração do Sr. Presidente Washington Luis, que tem sabido a isso corresponder, nas demonstrações de sympathia e confiança com que ha

prestigiado a acção da Bahia no scenario da politica nacional.

Garças a isso, é que temos grangeado, para o Estado, assistencia solicita ás obras de utilidade real que a União se obrigou a construir na Bahia. As de conclusão do nosso porto e as da avenida Jequitiaia, que já foram reiniciadas, depois de longos annos de paralyção, dão disso testemunho flagrante.

Não menos cordiaes têm sido, tambem, as nossas relações com os demais Estados. Nos entendimentos frequentes que se hão realizado, principalmente com os limitrophes, por força da continuidade territorial, reinou sempre a mais perfeita harmonia.

Para tratar de assumpto relativo ao policiamento da fronteira Bahia-Minas, esteve nesta capital, em dezembro de 1928, como emissario de Minas e Graes, o Dr. Djalma Pinheiro Chagas, secretario da agricultura do governo do presidente Antonio Carlos.

O illustre delegado do governo mineiro foi aqui acolhido com todas as honras, demorando-se alguns dias, como hospede do Estado.

Para a execução do convenio de limites entre este Estado e o de Minas Geraes, foi, por decreto de 26 de Abril do anno passado, nomeado delegado na Bahia, no commissão mixta, á que se refere o mesmo convenio, o engenheiro civil Elysio de Carvalho Lisboa.

Os delegados dos dois Estados fizeram accordo para o fim de procederem ao reconhecimento necessario á demarcação.

Por decreto n. 6.326, de 25 de Junho, foi approvedo um accordo e, tendo os delegados levado a effecto o reconhecimento necessario á demarcação, traçou-se a linha divisoria, no entender do delegado de Minas, bem como a que julgou acertada o delegado da Bahia, sendo certo que ambas as linhas coincidem no começo e no fim, divergindo, entretanto, no meio.

VIDA MUNICIPAL

A organização dos municipios do Estado foi recentemente modificada pela lei n. 2.229, de 18 de Setembro de 1929, por força da qual ficaram ajustadas á reforma da Constituição do Estado, as condições

de direcção e administração da vida communal bahiana.

Dando cumprimento a uma das disposições da reforma a que alludo, já foram publicadas as instruções para escripturação dos livros da contabilidade municipal, organizadas pela Contadoria Central do Thesouro.

ELEIÇÃO PRESIDENCIAL

Em relação á eleição presidencial, o Sr. Vital Soares diz o seguinte:

"A 1.º de Março ultimo feriu-se em todo o territorio nacional o grande pleito eleitoral para escolha do Presidente e Vice-Presidente da Republica, no futuro quadriennio.

A Bahia teve participação saliente na campanha que então se travou.

Apresentadas aos suffragios do eleitorado brasileiro duas chapas, sustentada uma por 17 Estados da Federação e a outra por uma dissidência de tres Estados, desencheu-se a campanha eleitoral.

Indicado o seu governador pelas forças politicas da Nação para candidato á Vice-Presidencia, na chapa em que figurou o nome do eminente brasileiro, Dr. Julio Prestes de Albuquerque, Presidente do Estado de São Paulo, consequentemente collocou-se a nossa terra na vanguarda das que combateram pela victoria da vontade nacional, posição na qual manteve a tradição de liberalismo e tolerancia que a destaca no scenario da politica nacional.

Não obstante, o ambiente agitado pelas paixões partidarias, em todo o territorio do Estado reinou a mais perfeita ordem e a garantia mais segura da liberadde do voto.

Quando foi da escolha da delegação bahiana á grande convenção nacional de 12 de Setembro de 1929, que lançou aos suffragios do eleitorado a chapa Julio Prestes-Vital Soares, a Comissão Executiva do Partido Republicano convocou a reunião nesta Capital, de uma convenção de todas as Municipalidades do Estado.

Essa importante reunião realizou-se a 29 de Agosto do anno passado, no edificio da Camara dos Deputados, sob a presidencia do ex-governador Dr. Francisco Marques de Góes Calmon.

Foram eleitos delegados da Bahia á Convenção Nacional, os Srs. Miguel Calmon, Simões Filho e João Mangabeira.

Transcreve a mensagem os telegrammas trocados entre a Convenção e o Governo da Bahia, accrescentando:

"Fiel aos compromissos que, nesse despacho, assumi perante a Nação e em concordancia com os meus sentimentos de politico educado na escola do grande mestre da democracia brasileira que foi Ruy Barbosa, tenho grata satisfação em reaffirmar que na Bahia houve eleição livre, largamente fiscalizada pelos adversarios, tendo sido assegurado, integralmente, a tranquillidade e a ordem em todo o Estado.

Porque não quizesse presidir, como Governador, á eleição em que era candidato á Vice-Presidencia da Republica, utilizei-me da licença que me concedestes e passei o Governo do Estado em 24 de Fevereiro ultimo ao meu substituto legal, o Sr. Presidente do Senado, coronel Francisco Augusto Rodrigues da Costa, só vindo a reassumil-o em 11 de Março.

Posteriormente, de 9 a 24 de Dezembro do anno passado, deixara eu o exercicio do cargo de Governador, para poder tomar parte, no Rio de Janeiro, no banquete que as forças politicas nacionaes offereceram em homenagem aos seus candidatos á Presidencia e Vice-Presidencia da Republica no proximo quadriennio.

Não quero terminar o relato destes factos sem salientar que o Governo do Estado não recebeu qualquer reclamação sobre o pleito de 1.º de Março. Apenas o Sr. Dr. Oswaldo Aranha, presidente interino do Rio Grande do Sul, dirigiu ao Governador da Bahia um telegramma sobre as eleições do Municipio de Ilhéos, dando-se-lhe cabal explicação com a resposta formulada nos termos da informação dada pelo Senador Dr. João Mangabeira, sob cuja responsabilidade correrá o pleito em Ilhéos".

JUSTIÇA

"Mantendo o proposito de cercar a Magistratura Bahiana de todo prestigio e acatamento, tenho feito cumprir rigorosamente os seus julgados bem como hei attendido a todas as suas requisições.

A collaboração estreita que prestou, ao Governo, o venerando Superior Tribunal de Justiça, na apreensão de suggestões para as recentes reformas da Constituição e das leis organicas della decorrentes,

dá prova da harmonia e confiança mutuas, em que se teem mantido as relações do Poder Executivo com a Magistratura do Estado.

Desta cordialidade nenhum attestado melhor nem mais eloquente, poderéis encontrar, do que os conceitos do discurso pronunciado pelo Dez. Pedro Ribeiro de Araujo Bitencourt, Presidente do Tribunal, quando, chefiando uma comissão composta dos illustres Desembargadores Ezequiel Pondé, Antonio Bulcão, e Newton de Lemos, veio a palacio trazer-me o agradecimento da Magistratura do Estado pela sancção que eu dera da lei que reformou a organização judiciaria bahiana.

Eis o teor do discurso a que alludo:

"Exmo. Sr. Dr. Governador do Estado:

O Superior Tribunal por esta Comissão de seus juizes vem agradecer a V. Ex. a sancção da lei da organização judiciaria que amanhã tem de entrar em execução regulando os diversos serviços da justiça bahiana, de accordo com a ultima reforma da Constituição do Estado. E este agradecimento não é somente restricto ao facto da collaboração que cabe ao Executivo na obra legislativa, não opondo o seu veto ao decreto respectivo. Elle tem uma significação mais ampla, e talvez o reconhecimento que o órgão central do Poder Judiciario Bahiano guarda para o Governador do Estado, que, assumindo as suas funcções, mostrou-se, desde logo interessado pelo problema da justiça, reconhecendo que não eram destituidas de fundamento as apprehensões pelo seu futuro, como vinha sempre accentuando a Presidencia do Tribunal por ocasião das sessões annuaes da abertura dos seus trabalhos.

Se no primeiro anno do Governo de V. Ex. não poude ser enfrentado o momentoso assumpto, comprehendemos perfeitamente que não havia motivos para desanimar. Fiz ver isto mesmo no discurso com que iniciiei os trabalhos do corrente anno judiciario.

Nas minhas conferencias a respeito com o Chefe do Executivo, tive logo a impressão de

que não ficaria em simples promessa a manifestação da vontade de vossa excellencia.

Reconheci no Chefe do Estado o mesmo homem ponderado sem vaidade, nem subterfugios, e que passara da sua banca de advogado para a de representante do Poder Executivo do Estado, afim de applicar as mesmas formas de processo que honram a sua vida victoriosa.

Era preciso, dizia-me S. Ex., auscultar as forças do Estado, tomar o pulso de suas finanças, para não fazer obra que não tivesse a solidez necessaria. E assim começou a ser preparado o terreno com a troca de suggestões entre representantes dos poderes do Estado, mantida sempre a maior harmonia nas relações respectivas para que se chegasse a um resultado que tanto importava aos interesses da justiça.

Dahi a collaboração do Tribunal não só no ante-projecto de reforma constitucional, como na ultima lei judiciaria, complementando a reforma.

E nem se diga que tal collaboração da parte do Judiciario não produziu resultado, porque as suggestões não foram acceitas em sua totalidade pelo Legislativo.

Muitas dellas foram attendidas e não poderíamos mais pretender porque então não se trataria de uma collaboração e sim da propria feitura da lei pelo poder que não tem tal attribuição.

Um exemplo de que com a acção do Tribunal conseguiu este implantar algumas idéas no ante-projecto de reforma constitucional e que ellas fazem parte da lei magna do Estado, é o que succedeu com a organização do Superior Tribunal de Justiça. Foi idéa muito discutida e que figurava no ante-projecto de que certa "fracção" do Tribunal fosse constituída por Doutores ou Bachareis em Direito, elegiveis para o Senado e com mais de dez annos no exercicio da advocacia e de cargos do Ministerio Publico ou do Professorado Superior da Faculdade de Direito do Paiz. Graças á interferencia do Tribunal foi modificado o ante-projecto, que depois foi

convertido em lei, afim de que taes pessoas só possam pretender taes logares quando aquelles que pertençam ao quadro da magistratura não se inscreverem para o concurso, ou, inscriptos, não lograrem approvação.

Conciliados portanto ficaram os interesses superiores da sociedade com as garantias da classe emquanto ão lhe faltarem elementos dignos.

E assim, em tal collaboração, foram votadas a Constituição e a lei judiciaria.

Falhas certamente existem, mas ellas serão a tempo corrigidas, e não é outra a missão dos dirigentes da sociedade em sua ancia para sempre inattinçida perfeição.

O resultado da collaboração dos tres poderes ahi está, e certamente nenhum delles se arrependerá do que fez, porque foram organizados do melhor modo diversos serviços necessarios ás garantias da sociedade, e não se viram com descaso as reclamações de que são incumbidos taes serviços. A parte material da vida da magistratura, o augmento de seus vencimentos, se fez, não tanto quanto estavam a exigir as condições da vida actual, em um meio circulante desvalorizado. Procurou-se, entretanto, estabelecer no augmento a necessaria proporção entre os vencimentos dos juizes que funcionam na Capital e nos logares do interior onde o custo da vida é mais elevado e os daquelles que exercitam a sua acção em logares da vida mais simples, proporção esta que não tinha sido observada pela tabella anterior, como por vezes tive occasião de solicitar.

Tenho confiança em todos dois Poderes que com o Judiciario tem a direcção do Estado, mantenha esta mesma norma que V. Ex. e o Legislativo estabeleceram desde o inicio do actual periodo governamental firmada essa harmonia, que tanto concorrerá, para o prestigio de que necessita o Judiciario, afim de cumprir a sua difficil missão.

Deixo tambem aqui expressos os agradecimentos da magistratura ao Dr. Prisco Pa-

raiso, illustre Secretario dos Negocios da Justiça.

A escolha feita por V. Ex. do illustre Professor e Advogado para tal cargo repercutiu no meio juridico bahiano como o da realização de um facto, cujas consequencias em bem da justiça, não havia de tardar. E tudo vae se encaminhando com a elevação de vistas que caracteriza a individualidade deste digno auxiliar de V. Ex.

Já tive occasião de ouvir uma phrase de V. Ex. que denota os sentimentos que sempre nutriu com relação aos juizes. Foi de que a boa carreira que teve V. Ex. como advogado deve-a em grande parte á magistratura.

Antigo magistrado deste Estado, venho seguindo a trajetoria de V. Ex. neste campo em que o Juiz tem no advogado o seu melhor companheiro para a boa solução das pugnas da justiça.

E posso dar testemunho do conceito de que V. Ex. sempre gozou dentre os juizes e das referencias honrosas que lhe eram feitas pelo cuidado, dignidade e competencia com que discutia os casos submettidos ao seu exame, tendo na maior conta os mais rigorosos principios da ethica profissional. A justiça imperante sentia-se honrada com a collaboração de um digno representante da justiça militante.

Encontram-se hoje em campo diverso o politico e os juizes, e estes estão satisfeitos, porque o antigo companheiro não mudou.

Mantem a mesma norma de acção que traçou para a sua vida, e, nas suas relações, com os antigos companheiros, conserva os mesmos sentimentos que faziam a distincção do advogado.

Acceite V. Ex. os nossos agradecimentos".

Decretastes, sabiamente, na lei de reforma da Organização Judiciaria, uma nova tabella, pela qual foram augmentados os ordenados da Magistratura e do Ministerio Publico, em proporção com as possibilidades financeiras do Estado.

Volto a vos pedir attenção para a necessidade da reforma do nossoCodigo Processual, afim de adaptalo á reforma judiciaria.

Sobre este importante assumpto colhereis informações minuciosas no Relatório do titular da Secretaria do Interior e Justiça.

INSTRUÇÃO PUBLICA

Entre nós, ainda por longos annos, ha de ser o problema da educação uma das principais preocupações do Governo. Factor economico dos mais preponderantes na elaboração da riqueza social, o ensino publico tem sido objecto de maior cuidado da minha administração. Graças a isso têm crescido os indices de alphasetisação pelo maior numero de matriculas e frequência nas escolas primarias.

Disso dão prova os quadros a seguir:

Directoria Geral de Instrução da Bahia Ensino primario

Demonstrativo geral da matricula, frequência e exame nas Escolas do Estado da Bahia que funcionaram desde 1924 até 1929:

Anno	Matri- cula	Fre- quen- cia	Ex. finaes
1924	47.589	32.772	783
1925	50.722	38.154	1.101
1926	66.657	50.088	1.481
1927	79.884	58.470	2.383
1928	87.918	69.938	2.612
1929	96.109	82.205	2.674

Percentagem da matricula geral em relação á população total do Estado e a população escolar em 1929:

Anno	Matri- cula geral	(1)	(2)
1924	45.589	1,35 %	18,23 %
1925	50.722	1,44 %	18,04 %
1926	66.657	1,90 %	17,17 %
1927	79.884	2,28 %	20,54 %
1928	87.918	2,31 %	23,13 %
1929	96.109	2,52 %	25,29 %

SAUDE PUBLICA

Relativamente á Saude Publica, mostra a mensagem os desvelos do

(1) Percentagem em relação á população total do Estado.

(2) Percentagem em relação á população escolar do Estado.

seu governo para com esses serviços, acrescentando que a Bahia conseguiu escapar ás ameaças da febre amarella, bem como atravessar um triennio sem algum caso confirmado de variola. Fala dos serviços de aguas e exgottos da capital, dos quaes depende o saneamento da cidade e cita as obras que foram iniciadas e levadas a effeito.

SECRETARIA DE POLICIA

No que concerne á Secretaria da Policia e Segurança Publica, o Sr. Vital Soares affirma que o governo assegurou a todos os cidadãos a plenitude de seus direitos. Mostra a dedicação do Secretario da Segurança Publica no combate ao banditismo, fala das grandes vantagens da organização da policia de carreira e da guarda civil, mostra a necessidade de se apoiar a idéa do Sr. Madureira de Pinho, instruindo a força publica com uma missão estrangeira, trata da reforma do material do Corpo de Bombeiros da organização da Policia do Porto e, finalmente, transcreve trechos do relatório do Sr. Madureira de Pinho, em que o Secretario da Segurança Publica expõe as suas doutrinas sobre o systema penitenciario e descreve as modificações feitas na Penitenciaria do Estado.

AGUAS E ESGOTOS DA CAPITAL

“O saneamento desta Capital muito depende de um serviço modular de abastecimento d'agua e de uma rede perfeita de canalisação dos dejectos urbanos. Cumprindo as promessas da minha Plataforma, é com grande satisfação que posso annunciar-vos estarem em activo andamento das obras contractada com o escriptorio Saturnino de Brito, onde foram elaborados em 1926, os necessarios projectos.

Autorizado pelas leis 1.811, de 29 de Julho de 1925 e 2.173, de 22 de Junho de 1929, baixei o decreto numero 6.320, de 25 de Junho de 1929, approvando a minuta do contracto celebrado em 6 de Agosto de 1929 com o Engenheiro Bernardino Salomé de Queiroga, successor do grande engenheiro Salustiano de Brito, para execução dos serviços de Saneamento, Aguas e Esgotos da Capital, tendo assignado este contracto como representante do Estado o Dr. Antonio Luiz C. A. de Bar-

ros Barreto, Secretario da Saude e Assistencia Publica.

Para custear essas obras, abri um credito de 5.000:000\$000, por Decreto n. 6.327, de 23 de Junho de 1929, em virtude de não haver previsão orçamentaria para attender a esses despesas.

Nesse Decreto, baixado em conformidade com o art. 9.º da Lei numero 2.173, de 22 de Junho de 1929 e o art. 9.º do Decreto n. 6.059, de 21 de Fevereiro de 1929, approved pela lei n. 2.152, de 6 de Maio tambem deste anno, autorizei o Sr. Secretario da Fazenda, e Thesoureiro do Estado a “entabolar, nesta praça, ou fóra della, com um ou mais capitalistas, as operações de credito necessarias para o financiamento inicial dessas obras”.

Por edital de 3 de Julho da Secretaria da Fazenda e Thesouro foi aberta concorrência por 15 dias, para contractar uma conta corrente de credito, até a importancia de cinco mil contos de réis, para esse fim. Encerrada a concorrência, perante a Commissão nomeada para abertura das propostas, foi a unica proposta apresentada e pertencente ao Banco Economico da Bahia, publicada na sua integra no “Diario Official”, de 16 de Julho de 1929. Em vista disto foi celebrado entre a Secretaria da Fazenda e Thesouro do Estado, e o Banco Economico da Bahia, o contracto de 24 de Julho de 1929, approved pelo Decreto da mesma data, que vae transcripto, na integra, no Relatório da Secretaria da Fazenda.

Para bem avaliardes do rapido andamento que vão tendo essas obras, basta dizer que até 31 de Maio ultimo, já se havia despendido a quantia de 1.903:973\$026 com o custeio desses serviços e 1.050:012\$464 com desapropriações das bacias hydraulicas dos Rios Cobre e Joannes e aquisição de material, elevando-se, portanto, a 2.953:985\$490 o total das despesas feitas desde o inicio dos trabalhos até aquella data.

Para fazer face ao pagamento das desapropriações de terrenos e á aquisição do material a importar para represas, canalisações, e estações elevatorias, baixei o decreto n. 6.590, de 20 de Novembro de 1929, abrindo o credito especial de 3.500:000\$000, desde que no orçamento do Estado para 1929, não figurava verba por onde se pudesse custear taes despesas.

Destaco aqui o seguinte trecho do relatório do Sr. Secretario da Saude Publica, que dá noticia dos serviços realizados até 31 de Maio ultimo:

"De conformidade com o parecer dos technicos resolveu-se proceder á captação das aguas dos rios Cobre e Joannes, localizando-se cerca de dez novos reservatorios em diversos bairros da Cidade, e melhorando-se concomitantemente a rede geral de distribuição.

O aproveitamento do rio Cobre, cujas aguas poderão supprir por gravidade, a parte baixa da Cidade, permitirá minorar, em prazo relativamente curto, a situação actual, pelo desvio do volume ora mecanicamente elevado e destinado a attender ás necessidades desse sector urbano, para as zonas de quota mais alta.

Para receber a adductora do Cobre estão sendo construidos dois novos reservatorios — R. 2-A e R. 2-B, situados nos morros da Conceição e Bomfim, prestes a serem concluidos.

Cumprindo a letra do contracto, iniciou a Comissão do Saneamento os trabalhos preliminares antes de decorridos trinta dias de sua assignatura, isto é, a 29 de Agosto ultimo.

Os primeiros mezes foram dedicados, quasi exclusivamente, ás custosas installações, aos grandes movimentos de terra e á aquisição do material mais necessario, sómente podendo ser iniciada a parte propriamente de construcção da barragem do Cobre e dos dois já citados reservatorios, depois de meados de Dezembro.

Segundo informa o Engenheiro Chefe da Comissão do Saneamento, até 31 de Maio ultimo foram executados os seguintes trabalhos:

BARRAGEM — "Rio do Cobre"

Escavação em terra . . .	3.624 m. c.
Idem em molêdo . . .	1.893 m. c.
Idem em pedra . . .	1.311 m. c.

Notas—O volume de 5.517 m. c. (terra molêdo) foi transportado em galeotas e espalhado numa área approximada de 5.600 m. q.

O volume de pedra 1.311 m. c. foi retirado da cava de fundação e depositado na esplanada.

Alvenaria de pedra

(inclusive concreto):

Fundação até a cota 43.700	1.107 m. c.
Barragem até a cota 47.450	2.054 m. c.
Banho de cimento na fundação	677 m. c.
Canos de 18 (descarga de barragem)	14.5 m. l.
Registro de 18"	1

Valeta para a descarga da barragem — Córte em pedra . .

115 m. c.

Esplanada para os filtros — Córte em terra (approximado)

1.573 m. c.

Nota — Este volume foi transportado em galeotas para a esplanada da barragem.

Drenagem da lagão e limpeza do correço do Boi e afluentes numa largura média de 3 metros . . .

2.800 m. l.

Limpeza do "Rio Cobre" — Numa faixa approximada de 43 metros de largura (rio e margens) (roçagem sem deslocamento)

450 m. l.

Estradas para linhas de Decauville de 0,60

485 m. l.

Linha de Decauville assentada . . .

550 m. l.

Extração de areia:

Volume extrahido, peneirado, lavado e transportado para o lavadouro e depositos

1.762 m. c.

Pedreiras:

Volume approximado de pedra explorado e transportado para a barragem

2.050 m. c.

Pedra britada

160 m. c.

Installação:

Barracões de madeira cobertos de zinco para Escriptorio, Posto Medico, casas de encarregados, abrigo de operarios, deposito de materiaes, amassadouro, etc.

370 m. q.

Machinismos installados

2

Betoneira e britadores

2

Estradas de serviço e acesso

1.300 m. l.

Casa da guarda:

Promptos os alicerces, embasamento e pilares de pedra paredes de tijolos internas e externas até a altura do telhado.

Linha adductora de f. f. de 0,300 . . .

595 m. l.

R. 2-A — Morro da Conceição

Esplanadas (calculo approximado) . . .

6.068 m. c.

Escavação para os compartimentos . . .

3.607 m. c.

Telas de ferro de 8 m/m e 5 m/m . . .

1.470 m. c.

Concreto com 0,15 de espessura

220,5 m. c.

Muros de alvenaria de tijolos

95 m. c.

Reboco externo de cimento

154 m. q.

Pilares de concreto armado de 0,28 x 0,33 x 0,43 com base de 0,38

66

Vigas de cimento armado de 0,23 x 0,18 x 28,16

6

Ditas de 0,23 x 0,18 x 23,91 — Secção de manobra de registros — Alvenaria de pedro com emboço .

37 m. c.

Idem, de tijolo . . .

1,3 m. c.

Cobertura de cimento armado com 0,04 de espessura (Self-sentering)

220 m. q.

ESTRADAS DE ACESSO —

Installações

Barracões de madeira cobertos de zinco para deposito de material, ferramentas, Barraca, Escriptorio

46 m. q.

Casa do guarda:

Prompta toda a alvenaria de pedra dos alicerces e embasamento, de alvenaria de tijolos das paredes, reboco externo e interno, piso de concreto e cobertura.

R. 2-B — Bomfim

Esplanadas (calculado aproximado) . . .	590 m. c.
Escavação	1.386 m. c.
Tela de ferro de 8 m m e 5 m m	561 m. q.
Lastro de pedra e banho de cimento . .	561 m. q.
Concreto de 1.2.4 com 0,10 de espessura . .	73 m. c.
Muro de alvenaria de tijolos	47 m. c.
Reboco externo de cimento	66 m. q.
Secção de manobras de registros — Alvenaria de pedra . .	6 m. c.

Instalação:

Barracas de madeira cobertas de zinco para escriptorio e deposito de materiaes	25 m. q.
---	----------

Casa do guarda:

Prompta toda a alvenaria de pedra dos alicerces e embasamento, pilares do terraço alvenaria de tijolos das paredes externa e interna, reboco e cobertura.

R. 1-B — Barra

Esplanadas (calculado aproximado) . . .	3.566 m. c.
Escavação	619 m. c.
Instalação:	
Barracas de madeira cobertas de zinco para escriptorio e deposito de materiaes	48 m. q.

CAPTAÇÃO — Joannes

Esplanadas (calculado aproximado) . . .	4.049 m. c.
Barragem da fonte — Alvenaria de concreto	6.695 m. c.
Alvenaria de pedra bruta	4.783 m. l.
Reboco de cimento . .	21,11 m. q.
Dreno de pedra solta	33.280 m. c.
Estradas de acesso largura de 4 metros	407,70 m. l.
CANAL	
Escavação	10.900 m. c.

Escavação em pedra (rocha e mole resistente)

352 m. c.

Instalação:

Barracões de madeira cobertos de zinco para Escriptorio, Posto Medico, abrigo de operarios, casa de encarregados, deposito de materiaes, etc.

328 m. q.

Casa do guarda:

Prompta toda a alvenaria de pedra interna e externa, paredes de tijolos internas, reboco grosso e cobertura.

Após concorrência administrativa realizada, por ordem do Governo, pelo Escriptorio Saturnino de Britto encomendou o Escriptorio a Societé des Hauts Fourneaux et Fonderies de Pont à Mousson (França), em 29 de Novembro ultimo, o fornecimento de canalização de ferro fundido, de chumbo em barra e corda alcotroada, no valor global de cento e oitenta mil dolares (\$180.000,00) ou sejam cerca de mil e quinhentos contos de réis (1.500.000\$000).

Para as desapropriações dos terrenos necessarios á immediata execução, das obras, que se estão eralizando, da captação dos rios Cobre e Joannes, o meu governo já baixou os decretos ns. 6.505, de 26 de Setembro de 1929, e 6.586, de 9 de Novembro de 1929.

Proseguem com actividade os levantamentos das plantas dos terrenos a desapropriar a bacia hydraulica do rio Cobre e das áreas destinadas a diversos reservatorios".

**SECRETARIA DA AGRICULTURA
INDUSTRIA, COMMERCIO,
VIACÃO E OBRAS PUBLICAS**

SITUAÇÃO ECONOMICA

O anno de 1929 assignalou uma das maiores crises economicas das que tem atravessado o Estado da Bahia.

E se essa crise de origem geral, affectando não só ao Brasil como a

grande numero de outras nações, pequenas não foram as suas consequências na vida do nosso Estado, que soffreu cosideraveis prejuizos, perturbando-se grandemente as suas multiplas actividades realizardoras.

Basta ponderar que a nossa exportação exterior em 1929 foi menor que no anno precedente, na elevada cifra de 86.795 contos de réis.

A importação tambem decresceu de 177.019 contos em 1928, para 103.155 contos, em 1929.

O saldo da nossa balança commercial, que em 1928, se expressou em 218.680 contos de réis, ficou em 1929, em 145.749 contos de réis.

Apreciando-se os valores correspondentes em esterlinos, verificamos que em 1929, para uma importação exterior de 2.534.224, tivemos uma exportação de 6.117.646, apresentando um saldo de 3.583.422 ao passo que, em 1928, a importação foi de 2.871.280, e a exportação de 8.238.445, revelando um grande saldo de 5.367.165.

LAVOURA CACAOEIRA

Continua a Bahia como segunda productora mundial de cacão logar este tomado ao Equador em 1914.

Mantem-se em primeiro logar a Costa do Ouro, comquanto nestes ultimos annos não apresente aumento de produção, como se poderá observar os seguintes algarismos, que dizem respeito ás safras de 1924 a 1928, pois ainda não recebeu a Secretaria da Agricultura os de 1929:

Costa do Ouro

Annos	Prod. em toneladas
1924	222.279
1925	216.684
1926	229.537
1927	208.349
1928	223.339

Acreditamos que não erram os que affirmam ter esse nosso grande concorrente attingido ao maximo da produção possivel.

Esta é tambem a opinião do "Tea Coffea Trade Journal", divulgada por um communicado distribuido pelos nossos Serviços Economicos e Commerciaes do Ministerio do Exterior, em 12 de Julho de 1929.

A produção cacãoeira da Bahia

nestas ultimas cinco safras foi a seguinte:

Safras	Quant. em saccos de 60 kilos
1924-1925	956.361
1925-1926	1.174.467
1926-1927	977.139
1927-1928	1.297.040
1928-1929	1.200.402

Verifica-se que somente a safra de 1927-1928, foi maior que a de 1928-1929, em 96.638 saccos.

Entretanto, a desproporção nos seus respectivos valores é digna de nota, facto esse occasionado pela baixa cotação desse producto no anno de 1929, conforme se vê do comparativo no ultimo quinquennio:

Média annual

Cotação por kilo

Annos	Superior	Bom	Regul.
1925	1\$365	1\$264	1\$179
1926	1\$343	1\$276	1\$192
1927	2\$509	2\$384	1\$270
1928	1\$943	1\$823	1\$759
1929	1\$442	1\$361	1\$296

E' inevitavel a pugna de ordem economica em que se empenharão os tres grandes productores — a Costa do Ouro, a Bahia e a Nigéria — procurando cada qual dominar os mercados, quer pela superioridade do producto, quer pelo barateamento dos preços, obtidos pela redução das despesas com a produção.

Devemos attender que tambem o consumo mundial de cacão não corresponde á produção, não havendo sequer um equilibrio, que seria essencial á boa cotação do producto.

Vejamos nestes algarismos:

Annos	Produção mundial Toneladas	Consumo mundial
1924	498.229	476.460
1925	491.513	472.617
1926	475.816	478.982
1927	484.687	469.731
1928	505.223	466.693
	2.455.468	2.364.483

Confrontando-se o consumo e a produção de 1924 a 1928 encontra-

se um excesso desta sobre aquella de 90.975 toneladas.

Impõe-se ou a procura de novos mercados ou o augmento do consumo nos existentes, sendo que para qualquer dessas providencias os meios empregados serão a superioridade de typos bem definidos e o barateamento do producto. Em torno disso girará a campanha entre os grandes productores.

O quadro a seguir mostra o volume das nossas safras de cacão nos ultimos dez annos:

Produção de cacão na Bahia

Safras	Saccos	Peso em kilos
1919-20	650.675	39.040.500
1920-21	993.600	59.616.000
1921-22	430.552	25.833.120
1922-23	912.052	54.723.120
1923-24	1.092.843	65.570.580
1924-25	956.361	57.381.660
1925-26	1.174.467	70.468.020
1926-27	977.139	58.628.340
1927-28	1.297.040	77.822.400
1928-29	1.200.402	72.024.120

CONVENIO DO CACAO

O resultado do convenio de cacão, para defesa desse producto, não foi auspicioso sob o ponto de vista financeiro, mas conseguiu o escôpo que o governo tinha em vista, de levantar o animo de productores em panico, dissuadindo-os de vendas precipitadas, ante a campanha derrotista que se trava no mercado. Restabelecer a calma no mercado, a confiança nos productores, conseguindo fazer voltar a normalidade nas transações, foi serviço de inestimavel valia prestado á economia do Estado. Pelo contracto, celebrado em 9 de Outubro de 1929, as responsabilidades do Estado foram limitadas a uma bonificação na pauta de exportação, quanto bastasse para cobrir o deficit verificado, não podendo, entretanto, exceder de setenta por cento (70 %), dos direitos pagos na alludida pauta. Encerradas as operações foi verificado um prejuizo de 250:995\$ para o Consorcio, devendo o Estado contribuir para esse edfict com 70 % dos impostos pagos, os quaes importam em 216:593\$290, sendo, pois, a sua participação nos prejuizos de 151:530\$300.

Havendo autorizado o Sr. secretario da fazenda a entabolar um

acordo com uma ou varias firmas commerciaes da praça, de conhecida idoneidade, dedicadas ao commercio do cacão, para a assignatura do convenio e defesa do alludido producto, fundado no art. 59, § 20, da Constituição Estadual, levei o assumpto ao vosso conhecimento em mensagem de 7 de Junho do anno findo, da qual resultou decretardes a lei n. 2.185, de 12 de Julho de 1929, autorizando o poder executivo a abrir o credito especial de cento e cinquenta e um contos quinhentos e trinta mil e trezentos réis (151:530\$300), afim de restituir ao dito Consorcio os setenta por cento (70 %), do imposto de exportação pago pelo mesmo, na fórmula conveniente. Em virtude dessa autorização, foi pelo decreto n. 6.602, de 3 de Dezembro de 1929, aberto o credito da importancia acima mencionada.

LAVOURA DO FUMO

Constitue o fumo a segunda lavoura do Estado, occupando a Bahia o terceiro lugar entre os maiores productores mundiaes desse producto.

Disseminada por toda a parte, della cuidam e nella mourejam os nossos lavradores em 101 dos 152 municipios do Estado.

Muito bem denominada lavoura do pobre, synthetisa quanto vale o esforço individual em prol da riqueza geral.

Não temos ainda elementos completos para o conhecimento das safras de alguns dos nossos principaes productos, no anno agricola de 1928-1929, mas, pelos algarismos da exportação de fumo em folha feita para o exterior em 1929, vimos que attigiu o seu valor a bordo a 54.182 contos de réis, correspondentes a 26.287 toneladas.

LAVOURA CAFÉ-EIRA

Prosegue em franco desenvolvimento entre nós essa lavoura animada até os annos anteriores a 1929, por preços assáz compensadores.

Comtudo, a crise do café que se aggravou nos ultimos mezes do anno passado, causou grande deanimio aos nossos agricultores, augmentando as difficuldades que já se vinham fazendo sentir nos centros de actividade agricola do Estado,

pela baixa cotação de todos os outros nossos principaes productos de exportação.

O total da exportação exterior desse producto em 1929, foi de 19.076 toneladas, no valor a bordo de 43.750 contos de réis.

Poderia, porém, a Bahia desfrutar também, quanto ao café, uma posição de realce na economia nacional, attendendo-se ás condições e extensão das suas terras favoráveis a essa lavoura.

O governo tem procurado incentivar e desenvolver o plantio e cultura do café em nosso meio, por intermedio da secretaria da agricultura.

Immigração

Na mensagem de 7 de Abril de 1929, em que vos dei conta dos negocios administrativos do Estado, no anno de 1928, tive ensejo de referir o meu ponto de vista em relação ao importantissimo problema da immigração.

E, então, accentuei que antes de se cogitar da immigração estrangeira, fôra de mister evitar que os nossos patricios abandonassem o sertão bahiano na illusão de obterem em outras paragens melhor remuneração para o seu trabalho.

Para isso se impunham medidas que o seu governo procurou tomar, visando estancar o fluxo migratorio sertanejo.

Agora que, se não inteiramente obviado esse mal, alguma coisa por destruil-o já foi conseguida, podemos cuidar, como de verdade cuidamos, da immigração estrangeira.

O Nucleo Colonial Itaraca, cuja construcção foi iniciada no governo do meu antecessor, já recebeu a primeira leva de immigrants teuto-russos, que estão localizados em 23 lotes, dispondo cada qual de casa de morada, com relativo conforto, area medida de terras apropriadas á cultura do café, do cacão, de fructas, servidos todos os lotes por aguadas perennes. O clima dessa região é salubre e ameno, de modo que os colonos, recentemente installados, estão gozando optima saude e dando á terra fertil energia do seu trabalho constructor.

Não preciso encarecer-vos o que tal facto representa para a nossa vida economica.

Em breve Itaraca, que agora se inicia, será um grande nucleo de progresso que dará contribuição farta á maior prosperidade do Estado e á sua crescente riqueza agricola.

Fio de que as excellentes condições em que lá se fez a localização da primeira leva de immigrants, darão ensejo o que outras sejam attrahidas e venham numerosos colonos trazer a sua collaboração proveitosa ao trato do nosso solo uberrimo. Assim teremos mais rapida a exploração das immensas riquezas naturaes que ainda jazem adormecidas na vastidão do nosso territorio.

Destaco a satisfação patriótica e a alegria festiva com que a população do Municipio de Una, onde fica situada a Colonia Itaraca, acolheu os immigrants teuto-russos, dando assim um eloquente attestado da hospitalidade bahiana.

Na parte do relatorio do Sr. Secretario da Agricultura, referente á colonização e immigração, encontrareis dados minuciosos sobre as condições technicas do alludido Nucleo, bem como sobre as obras de installação que alli ainda se estão realizando.

PECUARIA

Melhoram consideravelmente os nossos rebanhos em todo o Estado, pelo aperfeiçoamento das raças, obtido por meio de bons reprodutores que têm sido adquiridos pelos grandes criadores, como bem vêm demonstrando as exposições pecuarias, levadas a effeito, nesta Capital, pela Sociedade Bahiana de Agricultura, auxiliada pelo Governo do Estado.

VIAÇÃO GERAL DO ESTADO

O problema de transporte ainda é em nosso meio uma das principaes cogitações dos governos bem intencionados.

A vastidão territorial brasileira e as suas condições geographicas dificultam a sua solução.

Não obstante, alguma cousa já temos conseguido na Bahia, ainda que seja certo que grande parte está por se fazer. O Sr. Secretario da Agricultura, no seu relatorio, presta informações minuciosas sobre as estradas de ferro federaes e estações existentes no Estado, bem co-

mo sobre a Navegação Bahiana e Empreza Viação do São Francisco.

De referencia ás estradas de rodagem, cuja kilometragem vae num crescendo animador, também encontrareis nesse relatorio dados que revelam a attenção que o assumpto vem merecendo ao Governo.

OBRAS DO PORTO

Depois de longo periodo de paralyção, reiniciaram-se, afinal, as obras de conclusão do porto desta Capital, em 28 de Janeiro do anno corrente.

Para assistir a essa solemnidade, como representante do Sr. Ministro da Viação e Obras Publicas, esteve nesta Capital o Engenheiro Hildebrando de Araujo Góes, Inspector Federal de Portos, Rios e Canaes.

E' de justiça destacar a acção efficiente da nossa representação federal, no Senado e na Camara, para chegar-se a esse feliz resultado.

A conclusão do porto da Bahia é uma urgente necessidade de ordem economica. Devemos empenhar o melhor dos nossos esforços junto ao Governo Federal, no sentido de accelerar-se o andamento dessa importante obra, que, além de muito interessar á economia do Estado, diz de perto com o saneamento de grande zona urbana, que ha longos annos está abandonada, em virtude de desapropriação. Com as obras do porto teremos também realizada a velha aspiração da Avenida Jéquitania, que virá facilitar o trafego entre a estação ferro-viaria de Calçada e o centro commercial da cidade, aformoseando, com pavimentação e arborisação, uma grande arteria urbana.

Para avaliardes da importancia a que já attinge o nosso porto, não obstante ainda incompletas as suas installações, basta dizer que, em 1929, a receita da Companhia Cessionaria das Docas foi a 4.697:335\$070.

O movimento registado, em 1929, foi o seguinte:

Embarcações:	
Sahidas . . .	2.776
Entradas . . .	2.768
Tonagem de . . .	
registro . . .	50.172.312
Carga . . .	177.326.141 Kilos
Descarga . . .	268.733.221 Kilos
Renda bruta . . .	
das Docas . . .	4.697:335\$070
Mercadorias . . .	
trafegadas . . .	
nas Docas . . .	446.059 T 300

Passageiros:

Entradas . . .	36.465
Sahidas . . .	35.816

OBRAS PUBLICAS

No relatório do Sr. Secretario da Agricultura encontrareis minuciosas informações sobre as obras realizadas pelo Governo, durante o anno de 1929, sendo que as respectivas medições attingiram á importancia de 4.721:359\$346.

Todas essas obras foram contractadas por concorrência publica, obedecendo as disposições legais e regulamentares, vigentes sobre o assumpto.

BAIRRO DE MONT-SERRAT

Dos lotes de terras do novo bairro de Mont-Serrat, foram vendidos 37 durante o anno de 1929, na importância de 123:274\$150. Até agora o Estado já apurou, na venda de 130 lotes, a quantia de 510:208\$650, havendo ainda grande quantidade delles por vender.

**SECRETARIA DA FAZENDA E
THESOURO****SITUAÇÃO FINANCEIRA**

No exercicio de 1929, factores de origens diversas, uns de causa geral, outros de causa local, actuaram poderosamente para o decrescimento das rendas ordinarias do Estado, decrescimento esse que, entretanto, foi compensado com o accrescimento nas rendas de caracter extraordinario e especial. Mais uma vez, foi posta em evidencia a instabilidade dos orçamentos que tem por alicerce impostos "ad valorem", sujeitos á flu-

ctuação de preços os grandes mercados consumidores. Para o resultado registrado não só concorreu a queda de preços dos productos de exportação, como, principalmente, o retardamento da safra de cacão, o que influíu profundamente na economia do Estado. O imposto de exportação continua a ser o mais vultoso factor da receita do Estado, tendo contribuido nos exercicios passados, nas seguintes proporções:

1926	49,1 %
1927	51,8 %
1928	43,9 %
1929	28,9 %

A receita geral no exercicio de 1929 importou em 81.641:166\$251, e a despesa em 82.364:521\$0v0, apresentando uma diferença a mais na despesa de 723:354\$779.

Para tal resultado contribuíram:

Receita ordinaria .	48.992:814\$927
Receita extraordinaria	20.034:589\$346
Receita especial . .	12.613:761\$078

Comparando-se a receita geral com a prevista no orçamento, na importancia de 81.336:750\$, verificar-se-á uma diferença a mais de réis 304:416\$251.

Na receita ordinaria houve um decrescimento de 10.461:685\$073, desde que a previsão orçamentaria fôra de 59.454:500\$000.

A despesa fixada pela lei numero 2.148, de 12 de Setembro de 1928, orçamento do Estado, para 1929, foi de 81.236:924\$212, e a effectuada de 82.364:521\$030, com uma diferença a mais de 1.128:596\$808.

Essa despesa foi assim fixada e realizada, pelas cinco Secretarias de Estado:

	Despesa orçada	Despesa realizada
Secretaria do Interior	16.596:813\$745	16.612:187\$814
Secretaria de Saude	5.143:508\$940	7.969:736\$706
Secretaria da Policia	11.827:969\$048	9.829:321\$772
Secretaria da Agricultura	9.337:560\$144	15.717:184\$371
Secretaria da Fazenda	38.331:072\$335	32.236:090\$367
	81.236:924\$212	82.364:521\$030

Durante o exercicio foram abertos creditos adicionais no total de réis 63.092:473\$704, os quaes se acham devidamente discriminados por Secretarias, conforme demonstrativo annexo, sendo para notar que por conta desses creditos foi

apenas dispendida a importancia de réis 1.127:596\$818.

Das parcelas acima nota-se que, pela Secretaria do Interior, houve um excesso de despesa de réis 15:174\$069; pela Secretaria da Saude Publica, 2.068:227\$069; pela da

Agricultura, 6.379:624\$227. Dispendeu menos: Secretaria da Fazenda, 6.094:981\$968; quanto á Secretaria da Policia, que figura haver dispendido a menos a quantia de réis 1.998:647\$276, convem salientar que deixaram de ser feitas as necessarias operações de credito de debito nas consignações orçamentarias do § 8.º, do artigo 8.º, letra "J" e letra "E", do § 11, o que modificaria a situação apresentada.

Dívida externa

A dívida externa, em 3 de Dezembro de 1929, accusava uma circulação inferior á registrada no balanço de 1928, pelo resgate de frs. 13.000 para os emprestimos francezes, sendo francos, 3.500 para o emprestimo de 1888, e francos 9.500 para o de 1910, e f 88.349-14-0, para os emprestimos inglezes, a saber f 160-0-0 para o emprestimo de 1904, pelo resgate de obrigações do valor nominal de f 20-0-0, cada uma, e f 88.189-14-0, relativas ao emprestimo de 1918.

Tem sido cumprido integralmente o contracto de Janeiro de 1928, havendo até amortizações antecipadas, com o que está garantida a remissão dessa obrigação, antes do prazo contractual.

Durante o exercicio de 1929, dispendeu o Thesouro com os serviços de juros e amortizações da dívida externa a quantia de 1.097:899\$500.

No primeiro semestre do anno corrente, já foi remetida para os nossos credores externos a somma de réis 4.940:774\$445, conforme se verifica do seguinte demonstrativo:

**Remessas feitas durante o anno
de 1929**

Empréstimos francezes — Francos, 2.436.000,00 ou 807:940\$000.
Empréstimos inglezes — Libras, 226.278.12-0, ou 9.289:959\$500.

**Remessas feitas de Janeiro a
Junho de 1930**

Empréstimos francezes — Francos, 1.218.000,00 ou 415:744\$000.
Empréstimos inglezes — Libras, 107.145-7-3, ou 4.525:030\$445.

**Empréstimo externo do municipio
da Capital**

Para a liquidação das responsabilidades do municipio da capital,

para com os credores do emprestimo externo de 1914, de £ 1.521.000-0 e mais £ 42.000-0 de duas promissórias, ou, ao todo, £ 1.563.000-0, para que fôra autorizado o governo do Estado intervir pela lei municipal de n. 1.204, de 6 de Fevereiro de 1929, e pela lei estadual de n. 2.154, de 8 de Maio de 1929, teve de ser emitida, na forma do artigo 4.º, por conta do Empréstimo de Unificação, dezenove mil contos em apolices, ao portador, do valor nominal de 500\$, cada uma, com numeração seguida e consecutiva, ao ultimo numero das já emitidas, tudo nos termos do decreto n. 6.232, de 16 de Maio de 1299.

Esses titulos foram emitidos sob a forma de tres cautelas destinadas a servirem de penhor e garantia da importancia de 12.600:000\$ e respectivos juros, de 7 % annuaes, representados por tres promissórias, de igual valor, vencíveis, respectivamente, em um, dois e tres mezes.

O resgate das responsabilidades do Municipio pela encampação das duas empresas "The Bahia Light and Power Compagny", e Compagnie d'Eclairage da Bahia", foi realizado em virtude da lei numero 2.154, de 8 de Maio de 1929, votada em vista da mensagem que dirigiu em 18 de Abril á essa Assembléa Geral Legislativa, dando conta do resultado das negociações entabuladas e do feliz resultado alcançado. A operação do resgate realizou-se pela quantia de 20.112:000\$ contribuindo o Municipio com a importancia de 8.112:000\$000, producto da venda do acervo das Companhias citadas e o Estado, como foi dito, com a de réis 12.000:000\$, em tres notas promissórias de igual valor, com vencimentos para o anno de 1930, e subseqüentes de 1931 e 1932. Sendo, porém, a divida em moeda estrangeira, foi logo convertida em 335.765.12.6 no cambio de 5,57/64, ficando assim representadas as referidas promissórias, as quaes foram logo accrescidas dos juros convencionados na razão de £ 105.049-9-7; já resgatada a segunda de £ 111.931.176 e a terceira de £ 118.794.55. Estas promissórias foram emitidas pelo Estado e Municipio da Capital a favor do "Comité Londrino" nesta praça representado pelo Bank of London South America Limited.

A primeira promissoria foi res-

gatada em 27 de Maio ultimo, na vespera de seu vencimento, dispendendo-se 4.273:379\$700 ou Libras 10.725-15-6. Em virtude de ter o Thesouro remittido, por adiantamento, em Setembro do anno passado, a quantia de 700:000\$000, que produziu £ 21.914-1-3, o Estado lucrou de differença de juros a quantia de reis 54:656\$200, ou sejam £ 1.323-14-1.

Em vista do pagamento dessa primeiro obrigação, a caução de apolices do Empréstimo de Unificação, dada em garantia dessa operação ficou reduzida a 35.332 titulos, no valor nominal de 500\$000, ou sejam 12.669:000\$000.

APOLICES DA EMISSÃO UNICA

Continua este emprestimo a ser representado por 3.508 titulos do valor nominal de um conto de réis, não se tendo operado alteração alguma no exercicio passado.

DIVIDA FLUCTUANTE

Antes de consignar, neste capitulo, a importancia que figura no "Passivo" do Estado, como Divida Fluctuante, convem accentuar que a Lei n. 2.126, de 9 de Agosto, no seu artigo 40, e letras, deu nova definição ao que se deve considerar como "Dividas de Exercícios Findos", classificando como Divida Fluctuante todas as despesas que houverem sido empenhadas e registadas pelo Tribunal de Contas, até 31 de Dezembro do mesmo exercicio.

Desta forma as despesas que até então eram classificadas como "Exercícios Findos", para serem pagas, em dadas condições, pela respectiva consignação do orçamento, vigente, passaram a ser tidas como "Divida Fluctuante", escripturadas em conta nominal do credor, a lhe ser paga, desde que se apresente á estação pagadora, independente de nova petição, emquanto não prescrever.

Por este syssma não sómente se logrou economizar tempo que se dispndia com a feitura de processos novos em contas já revestidas de todas as formalidades legais, como se evitou a oportunidade de serem commettidos erros voluntarios ou não, adulterações e até fraudes, além de supprimirem-se despesas que eram feitas sem vantagem alguma para as partes.

A Divida Fluctuante do exercicio de 1929 está expressa na somma global de 31.633:734\$661.

Estudadas as parcellas, que contribuíram para aquella somma, verificar-se-ha que sómente se deve rigorosamente considerar como "Divida Fluctuante" a importancia ed 2.368:240\$831

PONTUALIDADE NOS PAGAMENTOS

Em que pesem as difficuldades naturalmente resultantes da actual crise, meu Governo procurou manter em dia os compromissos do Estado, observando pontualidade e exactidão no cumprimento das suas obrigações financeiras.

Os serviços de juros, amortizações e sorteios dos emprestimos externos e internos, foram feitos com rigorosa observancia das obrigações contractuaes, sedo que, de referencia aos emprestimos externos o Thesouro, varias veezs antecipou e adiantou as remessas das prestações estipuladas nos contractos respectivos.

O funcionalismo tem sido pago em dia, mantendo-se assim, a despeito de tudo, o credito e o bom nome do Estado.

O COMMERCIO E OS IMPOSTOS

A crise que ora atravessamos, deu causa a que a Associação Commercial da Bahia, reflectindo o desejo do laborioso e honrado commercio desta praça, dirigisse um representntação ao Governo, pleiteando a diminuição dos impostos de industrias e profissões, estipulado pela lei orçamentaria, ora em vigor. Posteriormente, fui procurado por uma commissão de commerciantes e directores da Associação Commercial para tratar do mesmo assumpto.

Para vos dar conhecimento do que então se passou, transcrevo a nota que fiz distribuir á imprensa e que foi publicada no "Diario Official", de 1.º de Maio do corrente anno:

"Em audiencia especial, esteve hontem com o Sr. Governador do Estado, no Palacio da Acclamação, uma commissão da Associação Commercial, para o fim de combinar com Sua Excellencia medidas que faci-

litem o commercio no pagamento dos impostos.

Nessa reunião, a que também esteve presente o Sr. Secretario da Fazenda, ficou assentado o seguinte:

— O Governo do Estado, não podendo deferir a solicitação da Associação Commercial, no sentido de diminuição ou subdivisão no pagamento dos impostos, porque sendo estes determinados em lei orçamentaria, não lhe compete, juridicamente, autorizar essa medida além de que os compromissos de prazo fatal e proximo, do Estado, minuciosa e lealmente expostos á comissão da associação, não permitem ao Governo essa diminuição nem mesmo o adiamento, o que, tirando-lhe recursos previstos, lhe impediria a satisfação de taes compromissos, consentirá, entretanto, sejam os referidos impostos pagos sem multa durante trinta (30) dias, após a expiração do prazo regulamentar ou seja até trinta de Junho.

— A Associação Commercial, por sua vez, comprometteu-se com o Governo a appellar de publico com os senhores commerciantes, no sentido de effectuarem o pagamento desses impostos, dentro do prazo legal não se aproveitando, pois, dessa concessão de prorrogação.

— Promette o Governo do Estado, no momento opportuno, que será o da elaboração da nova lei orçamentaria, ouvir as suggestões da Associação Commercial, e attendel-as no tanto quanto o permittam as circumstancias e as condições financeiras do Estado".

CONCLUSÃO

Senhores da Assembléa Geral
Legislativa

Dou, por concluída a presente mensagem, desempenhando, assim, o dever que resulta, para mim, do

disposto no art. 59, § 15, da Constituição do Estado.

Procurando inteirar-vos da vida administrativa da Bahia, tive a preocupação de collocar-vos ao par das suas necessidades.

Cogitei também das realizações de utilidade real e positiva que á minha administração foi possível conseguir, em prol do engrandecimento politico, economico e financeiro de nossa terra, attendendo a que é esta a ultima vez que vos falo, em mensagem inaugural dos vossos trabalhos ordinarios, no desempenho do meu mandato actual.

Os relatorios das cinco Secretarias, em que se subdivide a actividade administrativa do Estado, e que acompanham esta mensagem, della são indispensavel complemento, no particularizar e minuciar os varios e importantes assumptos que ahi são tratados.

Assim fazendo, busquei mais pormenorizadamente informar-vos dos negocios da publica administração, atravez o relato fiel em cada Secretaria, das occorrencias mais dignas de nota, verificadas, em todas ellas, no exercicio de 1929 no qual especialmente me refiro.

E, para concluir, deixo, aqui, o meu reconhecimento á solicita e valiosa collaboração que vindes prestando ao meu Governo, graças á qual pude supprir as deficiencias da minha acção administrativa, promovendo, quanto possível, o bem do nosso Estado.

se
DESEJAES
andar bem
informados
acerca das re-
levantes ques-
tões que af-
fectam o des-
envolvimento
economico do
Brasil, lêde A
LAVOURA
e propague
entre os vos-
sos amigos e
collegas a lei-
tura desta util
publicação.



SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA

Horto Fructicola da Penha

Departamento de Fornecimentos

TABELLA DE PREÇOS

Plantas fructíferas

A

Araticum do Norte (Anona exalbida) . . .	3\$500
Abacateiro (Persea gratissima)	4\$000
Abieiro (Lacuma caimito)	3\$500
Abriçó das Antilhas (Achras vitelina) . . .	4\$000
Abriçó do Pará (Mamea americana) . . .	4\$000
Ameixeira preta do Pará (Ximenia montana) .	3\$500
Ameixeira de Madagascar (Flacourtia Ramoutchi)	6\$000
Ameixeira amarella do Canadá (Eriobotrya japonica)	4\$000
Araçaseiro corôa (Psidium passeanum) . . .	3\$500

B

Bacupary (Platonia insignes)	3\$500
Bananeira (Musa sapientum)	2\$500
Baunilha do Mexico (Vanilla aromatica) . .	2\$500
Butiaseiro (Cocos Eriopatha)	10\$000

C

Cabelludeira (Eugenia tomentosa)	3\$500
Cajaseiro manga (Spondias dulcis)	4\$000
Cajaseiro meúdo (Spondias lutea)	3\$500

Cajaseiro mirim doce (Spondias myrobolanus)	3\$500
Cajueiro amarello e vermelho (Anachardium occidentale)	3\$000
Cambucaseiro (Myrciaria Plicato-Costata) .	4\$500
Canelleira (Ciunamonum Zeylanicum) . . .	4\$500
Caimito (Ghrysophyllum caimito)	4\$000
Caramboleiras branca e amarella (Averrhoa bilimbi)	3\$500
Cambuhy da India (Eugenia arabidae)	4\$500
Castanheira do Pará (Bertholetia excelsa) .	5\$000
Cerejeira do Rio Grande (Myrcianthes Eudalis) .	4\$000
Cidra (Citrus medica) . .	4\$000
Coqueiros da Bahia (Cocos nucifera) . . .	7\$000
Cheremolia (Anona cherimolia)	6\$000

F

Fructa do Conde (Anona aquosa)	3\$500
Fructa da Condessa (Anona musicata) . .	3\$500
Fructa de pão (Artocarpus incisa)	5\$500
Figueira (Ficus carica) .	3\$500
Diversas variedades .	3\$500

G

Genipapo (Genipa americana)	3\$000
Goiabeiras amarella, vermelha e branca (Psidium pomiferum) .	3\$000

Grumixama (Stenocalyx brasiliensis)	3\$500
---	--------

J

Jaboticabeira (Myrciaria cauliflora), diversas variedades	6\$500
Jambolano (Sizigium jambolanum)	3\$500
Jaqueira (Artocarpus integrifolia)	4\$000

K

Kaki do Japão (Diospyrus kaki) das variedades seguintes: Costata, Mazelli, Mikado, Berti, Kira-kaki, kiombo, hicopersilium litchi)	6\$500
--	--------

L

Loureiro (Laurus nobilis)	4\$500
Lixia da India (Nephelium litchi)	6\$000
Laranjeiras (Citrus aurantium) das variedades seguintes: Bahia, Selecta, Pera, Perão, Natal, Rosa, Saúde, Mandarin, Campista, Cacáu, Melão, Imperial, Macahé, Lima, Cametá, Itabora-hy, Cipó, Sanguinea, Melroza, Monjolo, Prata, Abacaxi, Malta, Penca, Boceta, Valencia, etc.	4\$500
Bergamoteira (Citrus Bergamia vulgaris) .	5\$000

Tangerineira (*Citrus nobilis*) Cravo, Stsuma, Boceta, etc. 5\$000
 Limoeiros de fructos pequenos e lisos (*Citrus limonum*) 5\$000
 Limoeiros de fructos doces (*Citrus medica sativa* (div. var. 5\$000
 Limeiras (*Citrus dulcis*)
 Penca, Persia, umbigo, etc. 5\$000

M

Mangustan (*Garcinia mangustana*) 10\$000
 Mangueiras (*Mangifera indica*) das seguintes variedades: Dr. Saboia, Espada Branca, Espadão, Rosa, Maçã-Rosa, Maçã-amarella, Rosalia, Rosary, Cambucá, Coração de boi, Manteiga,

Bahia, Carolina, Itamaracá, Julieta, Pernambuco, Jasmin, Augusta, Carlota, Gurgel, Maravilha, etc. 7\$500
 Maracujá commum (*Passiflora alata*) 4\$000
 Maracujá mirim (*Passiflora speciosa*) 4\$500
 Marmelleiro da Europa (*Cydonia vulgaris*) 6\$000
 Marmelleiro do Japão (*Cydonia japonica*) 6\$000

O

Oliveira (*Olea europea*) 6\$000

P

Pitombeira da Bahia (*Rhylocalyx Luschianianus*) 6\$500
 Pimenteira da India (*Piper nigrum*) 3\$500

S

Sapota preta (*Achras mamosa*) 4\$000

Sapotyseiro (*Achras sapota*) 4\$000

T

Tamareira (*Phoenix dactylifera*) 5\$000
 Tamarindeiro (*Tamarindus indica*) 3\$000

U

Uvaia (*Eugenia uvaia*) 4\$000

ARVORES PARA ARBORIZAÇÃO

Oity (*Miguelia tomentosa*) 4\$000
 Amendoeira (*Terminalia catalpa*) 4\$000
 Carrapateira (*Guarea carapeta*) 4\$000
 Murta cheirosa (*Murraya exotica*) 4\$000
 Jambolano (*Sisigium japonicum*) 3\$500
 Lingustrum (*Lingustrum japonicum*) 4\$000
 Ficus Benjamin 3\$500
 Ficus elastica 4\$500

JOSÉ PASTOR

(GRAVADOR)

Especialidade em clichés para theses medicas, trichromias, clichés para registro de marcas e patentes e clichés para trabalhos commerciaes

RUA D. PEDRO 1, 47 — loja
 (Antiga Espirito Santo)

Phone Central 1021

Rio de Janeiro

HORTULANIA

Sementes novas de hortaliças, flores e agricultura, plantas de ornamento, fruteiras, roseiras, etc., objectos para todos os misteres de jardinagem e lavoura. — Bombas e seringas de metal para irrigar e pulverizar. Livros sobre Agricultura, Industria Pastoril e pequenas culturas — Ferramentas, Gaiolas, vasos, etc. — Chá da India, Pulverisadores e Formicidas. — SARNOL contra o carrapato no gado e outros artigos de veterinaria. — Objectos de Agricultura, etc. etc.

Araújo, Ribeiro & Cia.

Rua do Ouvidor, 77

Rio de Janeiro

PEDIGREE

RAÇAS INGLEZAS

DOS MELHORES

CRIADORES INGLEZES

Exportador de Bovinos — Durham, Devon, Hereford, Sussex, Aberdaen, Angus, Red-Polled, British, Fresians, Gueznsy, etc.
Ovinos de Rommey Marsh, Lincoln, Cara negra, Shropshire e todas as outras raças.
Suínos de Berkshire, Large, Black e outras raças.
Cavallares puro sangue de corridas.
Aveia Inglesa, especial para cavallos de corridas.

End. Telegraphico:
 "BERTADEL" — LONDON

Pedidos e Encomendas a
Martin Maddock's British
 LIVE STOCK AGENCY LTD.

46, Victoria Street

— O L O N D R E S —

A Lavoura

REVISTA DA SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA
E DA CONFEDERAÇÃO RURAL BRASILEIRA

Distribuição
GRATUITA



TABELLA DE PREÇOS PARA INSERÇÃO DOS ANNUNCIOS

No texto	(1 pagina	180\$000)	Por vez
	(1/2 pagina	100\$000)	
	(1/4 pagina	50\$000)	
Fóra do texto	(1 pagina	150\$000)	Por vez
	(1/2 pagina	80\$000)	
	(1/4 pagina	40\$000)	
Na capa	(2	200\$000)	Por vez
	(3	200\$000)	
	(4	250\$000)	
Rodapés no texto	(c/0m,03 de altura .. .	30\$000)	
Reducção para contractos mediante auto- rização authenticada	(3 vezes	5 %)	Por vez
	(6 vezes	10 %)	
	(12 vezes	20 %)	

Publicações na parte editorial : annuncios
especiaes, em côr, contracto prévio.

O AGRICULTOR

Revista Bi-Mensal Agro-Pecuaria

Publicação da Escola Agrícola de Lavras

Redactor
Oswaldo T. Emrich

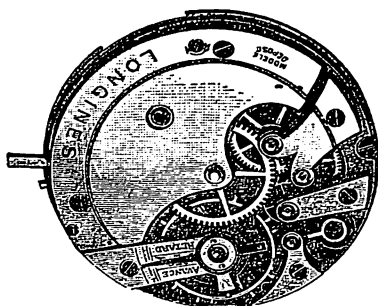
Redactor-Gerente
Benjamin H. Hunnicutt

Gerente
João José da Silva

offerece um brinde valioso aos seus leitores.

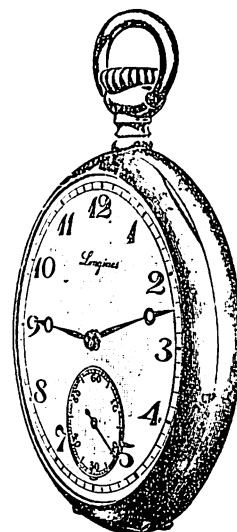
Como se pôde obter um optimo relógio Suisso da afamada marca LONGINES

○ **RELOGIO LONGINES** que offerecemos trabalha em pedras, tem tampa dupla, caixa reforçada e mecanismo do melhor systema. Offerecemos relógios de nickel, de prata e folheado a ouro. Podiamos offerecer um artigo que nos ficasse mais barato, mas não queremos. Fazemos questão de que os nossos leitores recebam um brinde do qual possam, não somente ter orgulho, mas também ter a certeza de que é um relógio de confiança.



Mechanismo optimo trabalhando em pedras

Os grandes aviadores que empregam o **Longines**, assim o fazem porque elles precisam de um chronometro infallivel.



Tamanho natural

Offerta n.º 1—Para os que nos enviarem 6 assignaturas d'O AGRICULTOR por 3 annos, a 20\$000 cada uma, num total de 120\$000, enviaremos um relógio Longines de nickel, no valor de 80\$000.

Offerta n.º 2—Para os que nos enviarem 10 assignaturas d'O AGRICULTOR para 3 annos, a 20\$000 cada uma, num total de 200\$000, enviaremos um relógio Longines de prata ou folheado a ouro, no valor de 150\$000.

Aviso importante—As importancias devem acompanhar as assignaturas em vale postal ou ordem do Banco Hypothecario e Agricola do Estado de Minas Geraes, pagavel na sua agencia de Lavras.

Escrevei bem legivel os nomes e endereços dos assignantes, a vossa assignatura e endereço e indicae, no caso da offerta n. 2, si desejaes um relógio de prata ou folheado a ouro.

Esta offerta estará em vigor até 31 de Dezembro do corrente anno.

Os relógios serão enviados do Rio de Janeiro, pelo correio, registrado, com valor declarado ou entregues naquella praça, contra ordem do recipiente, visada por nós.

Correspondencia ao Gerente d'O AGRICULTOR
Lavras, Minas.

SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA

COMMISSÕES TECHNICAS



1.^a COMMISSÃO: — Geologia e Mineralogia agrícolas, Agrolgia, Carvão, Petróleo, Combustíveis minerais e derivados — Adubos minerais naturais — Máquinas aplicáveis à extração e beneficiamento desses productos. — *Membros*: — Ernesto da Fonseca Costa, João Fulgencio de Lima Mindello, Thomas Coelho Filho, William Wilson Coelho de Souza.

2.^a COMMISSÃO: — Meteorologia e Climatologia agrícolas. — *Membros*: — Francisco de Souza, Joaquim Sampaio Ferraz, Raul Pires Xavier.

3.^a COMMISSÃO: — Drenagem e Irrigação. — Poços tubulares. Açudes e Forças hydraulicas — Lavoura das regiões seccas. — *Membros*: — André Gustavo Paulo de Frontin, Geminiano Gomes Guimarães, Octavio Barbosa Carneiro, Raul Pires Xavier, Thomas Cavalcanti de Gusmão.

4.^a COMMISSÃO: — Máquinas agrícolas. — Motocultura — Electricidade applicada à agricultura — Concursos de máquinas agrícolas. — *Membros*: — Arthur Torres Filho, Carlos Duarte, Eurico Dias Martins, Geminiano Gomes Guimarães.

5.^a COMMISSÃO: — Adubos de origem animal e vegetal. — Fabricação e consumo. — *Membros*: — Albano Issler, Franklin de Almeida e Mario Saraiva.

6.^a COMMISSÃO: — Sementes — Introdução e acclimação de plantas. Concursos de sementes — Genetica vegetal. — *Membros*: — Arthur Torres Filho, Arsene Puttemans, Americo de Miranda Ludolph e Thomaz Coelho Filho.

7.^a COMMISSÃO: — Leguminosas. Cereaes. Raizes e tuberculos alimentares. — *Membros*: — Arthur Torres Filho, Carlos Duarte, Luiz de Oliveira Mendes, Plinio Cavalcanti.

8.^a COMMISSÃO: — Plantas industriaes, Assucar, fumo, cacau, borracha, matte. — *Membros*: — Antonio de Arruda Camara, Filogonio Peixoto e Octavio Carneiro.

9.^a COMMISSÃO: — Plantas textis. Algodão, linho e fibras em geral. — Cellulose. Fabrico do papel. — *Membros*: — Alcides Franco, Francisco Alves Costa, Paulo de Moraes Barros.

10.^a COMMISSÃO: — Café. — *Membros*: — Augusto Ramos, Antonio Garcia Paula, João Baptista de Castro.

11.^a COMMISSÃO: — Plantas oleaginosas. Oleos, gorduras, ceras, resinas e derivados. — *Membros*: — Alcides Franco, Joaquim Bertino de Moraes Carvalho, Trajano de Medeiros.

12.^a COMMISSÃO: — Fructicultura e Horticultura. Conservação e embalagem de seus productos. — *Membros*: — João Veira de Oliveira, Horacio Barreto, Humberto Bruno, Roberto Moutinho dos Reis e Sylvio Ferreira Rangel.

13.^a COMMISSÃO: — Sylvicultura. Florestação e reforestação. Exploração das madeiras. Essências para arborização. — *Membros*: — Antonio Pacheco Leão, Francisco de Assis Iglesias, Luiz de Oliveira Mendes, Octavio Vieira de Mello.

14.^a COMMISSÃO: — Defesa sanitaria vegetal — Pathologia vegetal. Entomologia agricola — Combate á formiga. — *Membros*: — Angelo Moreira da Costa Lima, Annibal Revault de Figueiredo, Antonio Magarinos Torres, Eugenio Rangel.

15.^a COMMISSÃO: — Avicultura — Apicultura — Sericultura — Piscicultura. — *Membros*: — Alvaro Pereira de Carvalho, Felceno de Moraes, Henrique Silva, João Marcellino, Julio Cesar Lutterbach e Marcos Inglez de Souza.

16.^a COMMISSÃO: — Zootecnica geral e especial. Alimentação dos animais domesticos — Genetica animal. — *Membros*: — J. F. de Assis Brasil, João Leopoldo Moreira da Rocha, Landolpho Alves, Mario Telles da Silva e Victor Leivas.

17.^a COMMISSÃO: — Animais para sella e tracção. Remonta. — *Membros*: — General J. de Assis Brasil, Geraldo Rocha, Gustavo Dutra, Marsillac Motta.

18.^a COMMISSÃO: — Carnes e derivados. Industrias connexas. — *Membros*: — Franklin

de Almeida, Geraldo Rocha, Joaquim Luiz Osorio.

19.^a COMMISSÃO: — Leite e Derivados, Industrias connexas. — *Membros*: — Aleixo de Vasconcellos, José Monteiro Ribeiro Junqueira, Jorge de S. Earp, Raul Leite.

20.^a COMMISSÃO: — Defesa sanitaria animal — Medicina Veterinaria. — *Membros*: — Alvaro Osorio de Almeida, Americo de Souza Braga, Moacyr Alves de Souza, Paulo Parreiras Horta.

21.^a COMMISSÃO: — Vias de comunicação — Transportes. Taxas e tarifas. Defesa economica da producção. Assumptos geraes ligados á agricultura. — *Membros*: — Gustavo Lebon Regis, Othon Leonardos, Octavio Barbosa Carneiro.

22.^a COMMISSÃO: — Colonização e Imigração. — *Membros*: — Paschoal Villaboim, Paulo de Moraes Barros, Nestor Ascoli, Rogaciano Pires Teixeira.

23.^a COMMISSÃO: — Legislação rural. Codigo rural, Cooperativas, syndicatos e associações. Trabalho agricola. — *Membros*: — Chrysanto de Brito, Euzébio de Queiroz Lima, Graccho Cardoso, Leopoldo Teixeira Leite.

24.^a COMMISSÃO: — Estatística e contabilidade agrícolas. Credito agricola. — *Membros*: — Antonio de Arruda Camara, Carlos Raulino, José Luiz Sayão de Bulhões Carvalho, Léo de Affonseca.

25.^a COMMISSÃO: — Ensino agronomico e technico-profissional. Experimentação agronomica. — *Membros*: — Alvaro Pereira de Carvalho, Fidelis Reis, Ildefonso Simões Lopes, Thomaz Coelho Filho.

26.^a COMMISSÃO: — Congresso. Exposições. Feiras. Museus. Propaganda. — *Membros*: — Benedicto Raymundo da Silva, Hannibal Porto, Lauro Sodré, Waldemar Pinna.

27.^a COMMISSÃO: — Hygiene rural — Construcções rurais. — *Membros*: — Augusto Bernacchi, Francisco Dias Martins, Julio E. da Silva Araujo, Thomaz Cavalcanti de Gusmão.

28.^a COMMISSÃO: — Conferências e communicações scientificas. — *Membros*: — Heitor Beltrão, João Fulgencio de Lima Mindello, Thomaz Coelho Filho.

A LAVOURA

é distribuída
GRATUITAMENTE
a todos os socios quites da

Sociedade Nacional de Agricultura

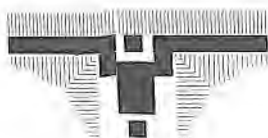
esparso por todo o paiz

Recebem-na todas as Bibliothecas publicas, consulados, associações economicas e scientificas



A LAVOURA

é, pois, um vehiculo seguro de propaganda
e os annuncios nella insertos garantem, uma
farta remuneração



REDACÇÃO e ADMINISTRAÇÃO
Rua 1.º de Março, 15
RIO DE JANEIRO
BRASIL